



Entre cervos, Odin e Sigurd: simbolismos religiosos em moedas danesas da era Viking

Johnni Langer ¹

Leandro Vilar Oliveira ²

Resumo: O artigo tem como principal objetivo o estudo dos simbolismos religiosos, figurativos e geométricos, constantes em moedas produzidas nas cidades de Ribe e Hedeby durante o século IX d.C. Como escopo conceitual adotamos os estudos de John E. Robb e Michel Pastoreau sobre símbolo, a metodologia visual de Jill Bradley e diversas publicações numismáticas aplicadas à Escandinávia da Era Viking, bem como estudos que desenvolvemos sobre simbologia nórdica. Nossa principal conclusão é que os símbolos animais e geométricos foram utilizados como forma de difusão de uma autoridade político-econômica, respaldada por imagens do paganismo nórdico (especialmente simbolismos do cervo, Odin e Sigurd).

Palavras-chave: Simbologia; Era Viking; Moedas e religiosidade; Escandinávia; Numismática.

Abstract: The main objective of the article is the study of religious symbolism, figurative and geometric, contained in coins produced in the cities of Ribe and Hedeby during the 9th century AD. As a conceptual scope, we adopted the studies of John E. Robb and Michel Pastoreau on symbol, the visual methodology of Jill Bradley and several numismatic publications applied to Viking Age Scandinavia, as well as studies we developed on Norse symbology. Our main conclusion is that animal and geometric symbols were used as a way of spreading a political-economic authority, supported by Norse pagan images (especially symbolisms of the deer, Odin and Sigurd).

Keywords: Symbology; Viking Age; Coins and religiosity; Scandinavia; Numismatics.

¹ Doutor em História pela UFPR, professor associado da UFPB, credenciado no PPGH-UFRN e PPGCR-UFPB. Coordenador do NEVE e editor-chefe do Scandia Journal of Medieval Norse Studies.

<http://lattes.cnpq.br/3561550459580228>

<http://orcid.org/0000-0003-3010-2430>

E-mail: johnnilanger@yahoo.com.br

² Doutor em Ciências das Religiões pela UFPB, membro do NEVE, membro do Museu Virtual Marítimo EXEA e editor-chefe da Atlanticus: Revista do Museu EXEA.

<http://lattes.cnpq.br/4887110080946675>

<https://orcid.org/0000-0001-8905-9727>

E-mail: vilarleandro@hotmail.com





Introdução

Hoje em dia vivemos em uma sociedade repleta de imagens. Elas estão por toda parte. Mas também na Antiguidade e Medievo elas fizeram parte do cotidiano da maioria das pessoas. Assim como em nosso tempo, objetos corriqueiros como moedas continham muitas informações visuais, entre os quais alguns símbolos. E estes estavam conectados com as mais diversas facetas da sociedade, como a religião, a política, os valores e as identidades. O nosso objetivo principal neste artigo é analisar os simbolismos religiosos presentes em moedas danesas produzidas no século IX d.C. (essencialmente o padrão Hjort)³, ao mesmo tempo em que constitui uma investigação inédita em língua portuguesa sobre o campo da numismática medieval,⁴ também inova nos estudos sobre simbologia da Idade Média.⁵ A pesquisa é derivada de projeto abarcando a Europa Setentrional, com vários investigadores envolvidos.⁶

³ A ideia base deste artigo já havia sido desenvolvida, mas superficialmente, em LANGER, 2015: 97-98. Agradecemos a Claudio Umpierre Carlan (UNIFAL) por algumas sugestões metodológicas em numismática (ainda no ano de 2015). Para o presente texto, agradecemos também a colaboração de Morten Søvnsø, Mariano Gonzáles Campos e Pablo Gomes de Miranda.

⁴ Aqui nos referimos aos trabalhos em língua portuguesa produzidos no Brasil ou por brasileiros, visto que em Portugal as pesquisas são numerosas. Um caso único e recente é com uma investigação do pesquisador Eric Cyon Rodrigues sobre moedas carolíngias na Alta Idade Média (RODRIGUES, 2021: 273-292). Estão ausentes em nosso país publicações acadêmicas referentes à numismática medieval escandinava (em temas de pós-graduação, artigos ou livros). Um ensaio de popularização científica foi publicado por Renan Marques Birro em site atualmente indisponível (<https://www.escandinaviamedieval.org/>) a respeito de moedas da Era Viking constantes do acervo do Museu Histórico Nacional (RJ). A mesma pesquisa foi apresentada em evento acadêmico em 2018 (Numismática, imagens e diáspora: um estudo preliminar sobre as moedas escandinavas da Era Viking tardia aos cuidados do Museu Histórico Nacional, IX Encontro Internacional - A Imagem Medieval: História e Teoria, FFLCH/USP), mas ainda se mantém inédita em publicações. Em sua tese de doutorado de 2014 (*Austrvegr e Gardaríki: (re)significações do leste na Escandinávia tardo-medieval*, USP), André Muceniecks utilizou fontes numismáticas, mas para analisar a presença escandinava no Leste europeu. Estudos sobre simbolismo religioso nas moedas danesas do século IX são inexistentes, sendo a maioria das publicações em inglês e dinamarquês focadas em questões numismáticas envolvendo circulação de moedas, áreas e contextos de cunhagem, usos comerciais e técnicas de fabricação. Algumas questões pontuais sobre símbolos religiosos em moedas escandinavas do século X foram discutidas em GARIPZANOV, 2011: 1-15; WILD, 2008: 201-211. Para uma atualização bibliográfica sobre numismática da área danesa durante a Era viking, consultar: FEVEILE, 2021; 2012; 2008; para pesquisas arqueológicas sobre descobertas votivas envolvendo moedas em Ribe, além de estudos sobre circulação, cunhagem e variações de tipos, ver: MOESGAARD, 2018: 17-27. Para uma visão geral das moedas escandinavas durante a Era Viking de um ponto de vista econômico, ver: MENINI, 2018: 507-511.

⁵ Não existem atualmente produções brasileiras sobre simbolismos geométricos não figurativos do medievo. Para a área da Escandinávia da Era Viking, consultar LANGER; ALVES, 2021. Na academia em geral, após a Segunda Guerra Mundial, foram publicados até agora somente um livro, dois artigos e uma tese de doutorado sobre este tema aplicado à Escandinávia: WESTCOAT, 2015; HELLERS, 2005; TRÆTTEBERG; MOLTKE; LINDEBERG, 1974; HUPFAUF, 2003. Sobre simbolismos figurativos na Escandinávia da Era Viking foram produzidas no Brasil uma dissertação e uma tese de doutorado (OLIVEIRA, 2020; OLIVEIRA, 2016a), além de alguns artigos acadêmicos (LANGER; OLIVEIRA; FERREIRA, 2015; OLIVEIRA, 2016b).

⁶ O projeto de pesquisa do PPGCR-UFPB/Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos: *Simbolismos religiosos em monumentos da Era Viking e na Europa Medieval*, pretende analisar os diversos simbolismos gráficos, figurativos e não figurativos presentes em monumentos nórdicos da Era Viking (como estelas, rochas, pedras rúnicas, objetos móveis) com sentido ou ligação com o sagrado, mitos, crenças, sobrenatural





Nosso texto será dividido em quatro partes. Na primeira, discutiremos os conceitos e metodologias adotadas pela investigação. Em seguida, elencaremos uma sistematização dos principais tipos de moedas vigentes na região da Dinamarca dos séculos VIII ao XI d.C., suas interpretações iconográficas pelos pesquisadores e o contexto social em que elas foram produzidas, selecionando os padrões que aparecem simbolismos animais e geométricos. Na terceira parte, analisamos especificamente os casos envolvendo o tipo Hjort, produzidos na Era Viking, e as suas possíveis relações com simbolismos religiosos, especialmente com as narrativas de Odin e Sigurd. E como desfecho, uma pequena conclusão sobre a pesquisa.

Conceitos e metodologias

Para nos distanciarmos de padrões generalistas, fenomenologistas e a-históricos sobre as interpretações de símbolos, adotamos as considerações de John E. Robb, influenciado pelo pós-processualismo, segundo os quais o significado não residiria nos artefatos em si ou nas pessoas, mas no momento de interação entre os dois: não existe significado simbólico fora do momento em que as pessoas apreendem, gerenciam e manipulam estes. Assim, não existiria uma interpretação ideal do símbolo. Eles fariam parte de um complexo mosaico composto por vivências e significados em contextos específicos das pessoas que os manipularam. Toda pesquisa deve enfatizar principalmente a microescala, mas sem negar permanências e tradições históricas, a partir do qual as experiências contextuais foram formadas (ROBB, 1998: 329-346).

Também levamos em consideração os conceitos de Michel Pastoreau, principalmente considerando que em contextos e recortes históricos específicos no Medievo (mesmas regiões, mesmas espacialidades), podem ocorrer variações de significado, sendo os símbolos ambivalentes, polissêmicos e proteiformes (PASTOREAU, 2002: 495-510). Isso é muito importante se considerarmos que a

e ideologias religiosas. Paralelamente, pretendemos desenvolver um estudo destes simbolismos presentes nos monumentos cristãos da Escandinávia, Ilhas Britânicas e Europa Medieval e suas possíveis relações com uma tradição pré-cristã e sua reinterpretação e hibridização pelo referencial cristão. O projeto envolveu pesquisas de campo na Europa Setentrional entre os anos de 2017 a 2019 pelos pesquisadores: Johnni Langer e Luciana de Campos (Dinamarca, Suécia e Alemanha), Susan Tsugami (Escócia e Inglaterra), Vitor Menini (Suécia e Finlândia), Pablo Gomes de Miranda (Islândia) e Munir Luft Ayoub (Suécia). O projeto também está integrado pelos pesquisadores Leandro Vilar Oliveira, Victor Hugo Sampaio Alves, Monicy Araújo e Andréa Caselli. Alguns resultados deste projeto de pesquisa foram apresentados na conferência: *Imagens e símbolos de divindades na Era Viking*, promovida pelo *Translatio Studii* (UFF) em 2020 e disponível neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=k3rwq2MtOX8> (Acesso em 20 de outubro de 2021); também alguns resultados foram inseridos em LANGER; ALVES, 2021.





religiosidade nórdica pré-cristã⁷ foi caracterizada pela sua grande variação regional das formas de cultos e crenças, além da inexistência de centralizações institucionais, dogmáticas ou ideológicas, mas ao mesmo tempo em que era flexível e dinâmica, adaptando-se nos diversos contextos sociais (NORDBERG, 2018: 76-88).

Nossa principal base metodológica é a análise iconográfica. Para podermos interpretar as imagens sem perder de vista as questões do contexto, adotamos a metodologia sugerida por Jill Bradley: seleção do material (determinação da espacialidade e temporalidade); criação de um tipo básico, onde uma imagem simplificada concede os detalhes comuns (em nosso caso, são especialmente os símbolos geométricos não figurativos); comparação de série dos tipos básicos; inserção dos tipos básicos em contexto mais amplo (BRADLEY, 2012: 31-39). Como complemento, adotamos os modelos comparativos de Jens Peter Schjødt (2017: 3-27)⁸. Para as comparações das séries dos tipos básicos, utilizamos nossa pesquisa anterior, onde foram realizados levantamentos iconográficos quantitativos e qualitativos de símbolos para a área nórdica duante a Era Viking (LANGER; ALVES, 2021).⁹

A abordagem metodológica utilizada nesta pesquisa procurou fazer comparações internas entre os diferentes contextos e suportes materiais da Escandinávia. Isso nos permitiu avançar nas discussões sobre o significado desses símbolos, uma vez que não existem fontes literárias medievais sobre eles (nem mesmo conhecemos suas denominações na línguagens nórdicas antigas). Os termos adotados aqui para aludir a esses símbolos são comuns desde o século XIX, provindos das línguagens escandinavas

⁷ Neste artigo empregamos vários termos para designar o conjunto de práticas e crenças religiosas que existiam antes do cristianismo: *pagão* (corrente nos estudos de Numismática escandinava medieval; termo advindo das fontes medievais); *Religião Nórdica Antiga* (muito usada nos estudos de História, Arqueologia e Religião; termo advindo da filologia); *Religião pré-cristã* (corrente em História das Religiões; termo originado em referenciais cristocêntricos). O uso destes três termos é apenas para fins didáticos e de reflexão na pesquisa: o leitor deve estar consciente das complexidades e problemas conceituais de cada termo e de que não existia uma uniformidade genérica nestas práticas e crenças (e na inexistência de um termo êmico), mesmo quando a palavra-conceito é utilizada no singular. Sobre este tema consultar: LANGER, 2016: 124-125.

⁸ Especialmente o comparativismo genético, referente a populações nórdicas dentro da Escandinávia; a perspectiva comparada com populações vizinhas, em nosso caso os anglo-saxões; e em terceiro, a perspectiva indo-europeia, em nosso caso as populações germânicas antigas (SCHJØDT, 2012: 275-280). Para uma recente sistematização sobre a questão das permanências e rupturas do mundo indo-europeu e germânico, além dos contatos exteriores (populações celtas, bálticas e eslavas) com a Escandinávia, consultar SCHJØDT, 2020: 223-372.

⁹ E também para analisarmos os simbolismos presentes nas moedas danesas, utilizamos os referenciais da Numismática, que considera compreender o contexto não apenas da época que as moedas foram produzidas, mas as intenções para isso, pois estes objetos também possuem um uso político, social e identitário (COIMBRA, 1956: 246): “O estudo das moedas sob todos os aspectos: econômico, social ou metrológico, bem como, sob os múltiplos pontos de vista das ciências históricas, mitológicas, iconográficas, epigráficas, da história da arte, geográficas, cronológicas, etc” (COIMBRA, 1956: 245). Para questões envolvendo os usos ideológico-políticos das moedas e uma perspectiva histórica da Numismática, utilizamos CARLAN; FUNARI, 2012.





modernas ou outras áreas culturais: três triângulos entrelaçados (*valknut*: sueco moderno); espiral tripla (*triskelion*: grego); espiral quádrupla ou cruz gamada (*suástica*: sânscrito); três arcos-círculos entrelaçados (*triquetra*: latim). A adoção desses termos é apenas para facilitar ao leitor o acompanhamento de nossas interpretações, não utilizando em nenhum momento os seus significados etimológicos e históricos. Na utilização dos nomes de deidades, termos, localidades e expressões referentes à Era Viking,¹⁰ adotamos os seus correlatos em língua portuguesa contemporânea, em especial, o termo *Danês*,¹¹ enquanto que as fontes literárias são preservadas em seus idiomas originais. Todas as fontes iconográficas e literárias serão referenciadas no texto e nas notas de rodapé: a sua omissão na bibliografia final se deve ao limite de espaço; com isso, ela conterà apenas as referências secundárias.

¹⁰ Aqui adotamos o conceito de Era Viking advindo das atividades de pirataria e incursões promovidas essencialmente por escandinavos durante os séculos VIII a XI d.C. (LANGER, 2018: 212-220). A delimitação espacial e cronológica deste período é objeto de debates, mas o nosso foco principal são as produções de moedas do tipo Hjort, produzidas na Jutlândia em torno de 825-840 d.C., condizentes com o recorte clássico da Era Viking.

¹¹ Mas não como sinônimo de dinamarquês e sim referente à expressão de origem nativa a partir do século VIII, referente aos habitantes da península da Jutlândia (situada entre o rio Elder no norte da atual Alemanha e o Mar do Norte - originada da transliteração da palavra latina *Iutum*, derivadas dos Jutos, habitantes anteriores aos danos). O termo Danês também foi transliterado em latim, *dani* (Jordanes, séc. VI); em seu *Historiarum Adversum Paganos Libri* (séc. V), Paulo Orosio distingue os Daneses do sul e do norte, na região da Jutlândia, Dinamarca. Após 780 tornam-se comuns as referências aos Daneses em vários tipos de registros literários e crônicas, tanto referentes à invasores, escandinavos em geral, ou aplicados a nativos da Jutlândia (CHRISTIANSEN, 2006, 118). A primeira referência êmica ao termo *Danês* associado com a Dinamarca (**tanmaurk**), apareceu em inscrição rúnica no monumento criado pelo rei Haroldo Dente-Azul entre 958-987, a famosa grande pedra de Jelling (DR 42, ver figuras 19, 20 e 21): “**auk tani (karþi) kristna**” (transliteração de MAREZ, 2007: 327), “*tornou os daneses cristãos*” (tradução nossa ao português). Sobre o debate do uso do termo Danês como referente à uma identidade jutlandesa, em um sentido supra-regional e em sentido pan-escandinavo, consultar: ANDERSON, 2000. Seguimos aqui também a primeira publicação acadêmica no Brasil que vinculou o termo *Danês* a um contexto étnico da península da Jutlândia durante o século IX d.C. (OLIVEIRA, 2011: 41-64). Pesquisas arqueológicas recentes complexificam a questão étnico-cultural da Dinamarca na Era Viking, com a presença de diversos grupos estrangeiros, mas a questão de um domínio geográfico e político por uma elite com uma identidade danesa ainda prevalece (SINDBÆK, 2008: 169-208) – e neste caso, nossa análise do simbolismo das moedas também seguirá este último referencial.





Moedas da Dinamarca, séc. VIII ao XI d.C.

As primeiras moedas cunhadas por escandinavos durante a Alta Idade Média foram nas cidades de Ribe¹² e Hedeby,¹³ ambas na Jutlândia. Inicialmente elas foram imitações de moedas da região da Frísia e do mundo anglo-saxônico, posteriormente adotando símbolos e identidades locais. A partir do século XI as moedas passaram a inserir referências a governantes reais (HAYWOOD, 2000: 480) ou rainhas e a cunhagem real ideologicamente se vinculava à função de trazer a paz ao reino e aos mercadores (GELTING, 2010: 91).

1) *Esceta de prata do tipo X (c. 710-730)*

Consistem em moedas de prata de origem anglo-saxã, surgidas no século VI, como substitutas para moedas de ouro. As escetas foram cunhadas na Bretanha, sul da Escócia, mas também na Frísia e na Dinamarca. Como foram produzidas ao longo de dois séculos, existem vários modelos, os quais apresentam influência merovíngia e tardo-romana, como uso do alfabeto latino, de efígies, entre outros padrões. Para essa pesquisa utilizamos exemplares do chamado tipo X, conhecido também como estilo Wodan/Monster (ver figura 1).



Figura 1: Anverso e reverso de uma esceta de prata do tipo X ou Wodan/Monster, Ribe, datada de c. 710-730. Fonte: <https://www.coinarchives.com/w/results.php?search=Continental+AND+Sceatta>.

¹² Ribe foi provavelmente a primeira cidade na Escandinávia (ver figura 6). Ela é situada no lado Oeste da península da Jutlândia, próxima ao rio Ribe. Um pequeno centro mercantil sazonal foi desenvolvido no noroeste deste rio, no início do século VIII d.C. (postes de madeiras foram datados em 710 d.C.) Objetos feitos de âmbar e bronze, galhadas de cervídeos e vidro foram encontrados neste contexto. O centro urbano desenvolveu-se plenamente em conexão com o estabelecimento de Ribe como uma importante rota comercial ao longo do sul do mar do Norte. A cidade foi mencionada pela primeira vez na obra *Vita Ansgarii* (869-876 d.C.), de Rimbert (HAYWOOD, 2000: 156-157). Uma média de 300 pessoas viveram em Ribe entre 705 a 850 d.C., num total de 1.200 a 1.700 pessoas enterradas no cemitério da região (FEVEILE, 2013: 55). Pesquisas arqueológicas recentes vem demonstrando que o sucesso comercial de pontos comerciais específicos do Mar do Norte coincidiram tanto com o colapso do mundo romano e as consequências da crise climática do século VI. Ribe foi beneficiada geograficamente por ser um ponto estratégico ao ser situada entre o mundo frísio e o danês (SØVSØ, 2017: 80).

¹³ Hedeby: Adotamos aqui a forma britânica e escandinava atual para o termo em nórdico antigo (*Heiðabýr*), tendência também seguida por todas as línguas neolatinas da atualidade. Hedeby foi um importante centro econômico da Europa Setentrional, ligando as rotas comerciais germânicas, eslavas e do mundo franco (ver figura 6). A primeira referência escrita do local apareceu em 808, após o rei danês Godofredo destruir o mercado de Reric, estabelecendo alguns comerciantes e artesãos em Hedeby. Vestígios arqueológicos demonstram que Hedeby também foi um importante centro manufatureiro e de produção cerâmica (OLIVEIRA, 2018a: 365-366).





Em escavações arqueológicas na década de 1970, mais de 200 escetas foram encontradas em Ribe, sendo a maioria do tipo X, o que levou arqueólogos como Metcalf a sugerirem a hipótese de que aquela pequena cidade teria criado esse padrão (FEVEILLE, 2012: 113). Entretanto, estudiosos como Malmer (2007) contestaram essa ideia, sugerindo que esse tipo poderia ter sido cunhado na Frísia e cópias foram depois feitas em Ribe. A grande quantidade de moedas poderia ser oriunda do comércio ou de saques, e depois foi sendo cunhada no restante do século VIII, pois na Frísia a qual foi anexada ao Império Carolíngio, adotou-se leis de cunhagem nos reinados de Pepino, o Breve (r. 751-768) e de Carlos Magno (768-814) (FEVEILLE, 2008: 58-60, 64-65). No caso do tipo X, dois aspectos principais se destacam nessa moeda: um rosto barbudo e um monstro. Quando essas moedas começaram a serem catalogadas na década de 1970, os pesquisadores adotaram por convenção uma hipótese que passou a ser difundida: que o rosto visto neste modelo seria uma referência a Wodan/Odin. Embora seja uma hipótese hoje controversa, ainda hoje para fins de classificação das escetas se utiliza esta denominação.¹⁴

Malmer (2007) referiu-se em diferentes estudos que esta representação seria um monstro não identificado, ou podendo ser uma serpente ou dragão, pois apresenta patas. No entanto, Barret (1990: 116-117) sugeriu que este monstro seria um animal quadrupede em corpo serpentiforme, talvez um lobo, um padrão que ocorre na arte escandinava e germânica antiga. Todavia, ele não descartou que possa ter sido também um dragão. A hipótese de Barret possui respaldo, pois na arte germano-escandinava houve a prática de representar animais como lobos, cavalos, aves, cervídeos e ursos com corpos serpentiformes, o que dificulta em alguns casos determinar a espécie animal retratada (KLINGENDER, 2019: 103-115). Anna Gannon (2010: 148-154) assinalou que o animal presente nas escetas de prata é de difícil definição, mas em alguns modelos podem-se ver

¹⁴ Barret (1990, 116-117), citando o arqueólogo David Hill, cogitou que o rosto seria uma referência a Jesus Cristo, pois essa esceta apresentaria influências de moedas bizantinas e contém duas pequenas cruces. Por sua vez, Barret comentou que a numismata Brita Malmer foi mais cautelosa ao propor uma interpretação, chamando essa efígie de “ray face”, pois os cabelos e barba estão num formato radiado. Para Malmer, não havia evidências de que poderia ser o rosto de Odin. Além disso, como assinalado por Barret (1990), Malmer (2007) e Feveille (2008), existe a possibilidade de que o padrão original dessa moeda teria sido de origem frísia ou anglo-saxã, o que colocaria em dúvida o emprego da imagem de Wodan, mesmo ele sendo uma divindade germânica, no entanto, a Frísia do século VIII estava sendo cristianizada. Além disso, moedas do tipo X também foram cunhadas na Inglaterra, território já cristão. Para nossa interpretação sobre a religiosidade destas moedas, ver nota 19. A teoria mais recente sobre a face Woden/monster é do arqueólogo Morten Søvsvø (Sydvestjyske Museer), que acredita que a mesma teria sido uma representação do rei que cunhou as moedas ou então, do prestígio e autoridade real dos patrocinadores da cunhagem, cujo centro político teria sido a região de Lejre, Zelândia, Dinamarca. Fonte: SØGAARD, 2021: 01:40/06:30, 16:40/16:52.





lobos, cavalos, cervos ou serpentes. Além disso, a autora apresentou exemplos de moedas que possuíam a efígie de centauros e grifos, revelando a variedade de animais e criaturas presentes nas escetas.

No entanto, para este estudo decidimos considerar que os animais do tipo X sejam uma serpente/dragão, pois notamos semelhanças com características vistas em pedras rúnicas suecas dos tipos Pr3 ao Pr5¹⁵. Levando em consideração que a efígie retratada pode ter pertencido a algum governante, os animais neste contexto poderiam ser algum selo referente ao líder, algo sugerido por Barret. Ou poderiam invocar a ideia de autoridade, força e bravura. Pois mesmo entre os germânicos a serpente apresentava alguns desses simbolismos¹⁶ (KLINGENDER, 2019:103-107).

2) KG3 Hus (c. 825)

O segundo exemplo corresponde as moedas de prata cunhadas no século IX, fazendo parte do tipo KG3 Hus (“casa”), aqui seguindo a classificação proposta por Brita Malmer¹⁷. Essa moeda e as próximas que pertencem ao século IX, que serão apresentadas a seguir, foram cunhadas na cidade de Hedeby, a qual estava ligada a rotas comerciais pelo norte germânico, tendo conexão com Hamburgo e Dorestad (HILBERG, 2008: 101-109).

No caso da KG3 Hus observa-se uma influência carolíngia onde é visível o uso de monograma no reverso, embora esse esteja acompanhado de um triângulo, um círculo e uma linha pontilhada, elementos que aparecem em outras moedas carolíngias. No reverso ocorre uma espécie de casa ou templo, com figuras serpentiformes no telhado cujas bocas abertas apontam para triquetras. Ao centro do telhado há um rosto. Sob a habitação há uma espécie de mastro contendo uma serpente enroscada de cada lado (ver figura 2).

¹⁵ Classificação desenvolvida pela arqueóloga Anne-Sofie Gräslund nos anos 1990, em que classifica as pedras rúnicas suecas produzidas entre 1010 a 1150, dividindo-as em seis categorias: B-e-v, Pr1, Pr2, Pr3, Pr4 e Pr5 (GRÄSLUND, 2006; 117-139).

¹⁶ Além disso, considerando que os símbolos podem ser ressignificados, recordamos que no caso escandinavo temos alguns exemplos como o uso de cabeças de serpentes/dragões como figuras de proas de navios, cujo intuito era o de expressar força, ferocidade e intimidação. O elmo de Vendel apresenta três serpentes entre os motivos ornamentais, podendo tais animais estarem associados a simbolismos marciais. No âmbito literário, algumas sagas citam brevemente espadas e escudos contendo a imagem de serpentes, símbolo que evocaria autoridade, imponência e bravura, algo visto na *Völsunga saga* (MANDT, 2000: 5).

¹⁷ Brita Malmer (1925-2013) desenvolveu uma classificação das moedas dinamarquesas durante a década de 1960, classificando-as em 13 grupos nomeados pela sigla KG, iniciando-se na segunda metade do século VIII com a KG1 e indo até o final do século X com a KG13. Além dessa classificação para moedas dinamarquesas, Malmer também estudou moedas suecas e de outra origem (MALMER, 1966: 510-517).





Figura 2: Desenho do anverso e reverso de uma moeda do tipo KG3 Hus, datada de c. 825, Hedeby. Fonte: *Skeppsmyntet från Okholm: Om danska 800-talsmynt med fisksymboler*, <https://www.danskmoent.dk/artikler/bmskib.htm>.

O modelo KG3 Hus é uma variação dos modelos KG3, os quais apresentam também monogramas, mas não possuem a representação de serpentes e outros elementos, como visto na imagem acima. Quanto ao monograma, não se sabe a quem ele teria pertencido¹⁸. Todavia, para Malmer (2007: 18), esse modelo teria sido inspirado nas moedas *Christiana Religio* do governo do rei Luís, o Pio (r. 814-840). Essas moedas carolíngias apresentam de um lado uma cruz com inscrição latina referente ao monarca, do outro lado tem-se uma igreja e mais uma inscrição latina. Segundo Malmer, a suposta casa na KG3 Hus poderia ser um templo também, como forma de aludir a igreja na moeda carolíngia.¹⁹ Na moeda, alguns elementos devem ser considerados: o primeiro é o monograma, o qual deveria representar algum governante, hoje desconhecido. A presença do círculo, do triângulo e da linha pontilhada podem ser parte do monograma, também representado em escetas de reis anglo-saxões, embora se desconheça se teriam algum sentido próprio ou efeito ornamental²⁰.

¹⁸ A Dinamarca na década de 820 vivenciou disputas de poder iniciadas com o assassinato de Godofredo I em 810, em que seus filhos lutaram contra outros senhores como Sigurd, Hemming, Haroldo Klak, Reginfred e Horik I pelo controle da Jutlândia. No caso, credita-se que Horik I teria começado a governar por volta de 827, como único rei da Dinamarca (HOLMAN, 2003: xii).

¹⁹ Contestamos essa interpretação de Malmer em vários pontos: 1. As moedas emitidas durante o reinado de Luís o Piedoso, possuem (na maioria dos tipos) uma cruz *central* no reverso, circundada por quatro esferas pequenas e dentro de um círculo, nas margens do qual ocorre uma inscrição. Mas nas moedas danesas produzidas até 840, as cruzes quando ocorrem não são centrais – estão situadas em dupla ao lado de uma face monstruosa (no anverso), e suas terminais acabam em pequenas esferas – seguindo um padrão das cruzes solares pagãs produzidas em bracteatas da área escandinava (a exemplo de NM 12430, NM 21588, NM 12528). Outros exemplos de cruzes solares, mas em pingentes, podem ser observados em B 1881 e B 1882, ambas de Heddal, Noruega. Todos são objetos do período das migrações (séc. V-VI d.C.). 2. O peixe presente em algumas moedas danesas abaixo da representação de embarcações, vista por Malmer como um símbolo de Cristo, *não ocorre nas moedas carolíngias*. Em algumas moedas de Hedeby aparece o mesmo padrão do peixe encontrado abaixo do navio, mas em paralelo com representações duplicada do martelo de Thor – ou seja, em um contexto pagão. Assim, somente as casas e navios presentes nas moedas danesas podem ter sido influenciadas esteticamente pelas moedas advindas do continente, mas ressignificadas dentro do referencial pagão. E Niels Lund critica o fato da presença do símbolo da cruz na Escandinávia ser considerado automaticamente como cristão pelos pesquisadores, omitindo a sua existência no passado pagão (LUND, 2013: 75). Não existem evidências arqueológicas de culto ou artefatos cristãos na Dinamarca antes do século X; os batismos daneses registrados em fontes históricas desta época são considerados puramente formais (GELTING, 2010: 78-79). No caso de imitações de moedas anglo-saxônicas com o tema da cruz, as suas representações em moedas danesas podem ter outro significado, remetendo aos padrões solares pagãos e não necessariamente do cristianismo.

²⁰ Garpizanov (2018) assinalou que os monogramas possuem diferentes formas de representar um governante, governo, autoridade, pessoas, etc. Eles podem usar as iniciais do nome, iniciais da família, palavras em latim ou grego, selos, signos reais ou religiosos, entre outros símbolos. Dependendo do povo





Quanto a casa ou templo, sua interpretação é mais difícil, pois não se sabe o que poderia significar no contexto da cunhagem desta moeda. Além disso, se a construção nessa moeda for um salão real, o simbolismo ganha alguns acréscimos de significado. Na Escandinávia da Era Viking e em épocas anteriores, grandes salões eram a residência de pessoas com autoridade política, militar e econômica. Eram lugares de poder, juramentos, influência, celebrações, acordos e até usado para alguns ritos religiosos (SUNDQVIST, 2016: 3-5). Neste sentido, ao invés de ser uma casa, a KG3 Hus poderia inclusive aludir ao salão do rei que ordenou a cunhagem dessa moeda e que recebeu o seu monograma. E se tratando do salão como símbolo de autoridade político-militar, faz mais sentido sua representação em uma moeda, pela condição desse objeto ser uma forma de expressar influência política. Com isso, as serpentes poderiam neste contexto expressar tanto um simbolismo de proteção, como também reforçar a ideia de autoridade associada com o espaço do salão.

3) Moedas do tipo Hjord (c. 825-840)

As moedas com motivo iconográfico da serpente e cervo são vistas entre os estilos KG3 Hjord A, KG5 Hjord B1 e KG6 Hjord B2, em que *hjord* significa cervo em dinamarquês. Estas moedas foram cunhadas num período próximo, em que a KG3 era oriunda de Hedeby, e as outras duas eram oriundas de Ribe. Segundo as informações escassas que dispomos desse período, os anos de 825 e 840 compreenderiam o governo do rei Horik I, ainda assim, não há certeza se essas moedas trariam o monograma dele ou teriam sido cunhadas por ordem de outra liderança.

O primeiro tipo a ser analisado é o KG3 Hjord A o qual traz um monograma parecido com o visto em outros exemplares de KG3, como o subtipo Hus, anteriormente comentado. A diferença é que esse monograma agora está acompanhado de uma triquetra ou um valknut. Por sua vez, na outra face observa-se um estranho animal, que normalmente é considerado a representação de um cervo. O animal está com o pescoço torcido para trás, e próximo à sua cabeça ocorre uma triquetra. Sob seu ventre encontra-se uma serpente enroscada ao lado de três pontos. Os outros exemplos analisados que compreendem os tipos KG5 Hjord B1 e KG6 Hjord B2 apresentam o mesmo cervo e uma versão diferente dele, além de mostrar dois padrões novos que substituem o monograma. Tais padrões são chamados pelos estudiosos de “máscara” ou “o rosto de Odin” (ver figuras 3 e 4).

que fez uso desses monogramas, nem sempre era fácil identificar tais características, especialmente entre moedas produzidas em contextos específicos e com pouco material comparativo disponível.





Figura 3: Alguns exemplares das moedas do tipo Hjordt, cunhadas em Ribe e Hedeby, no século IX. Fonte: VARENIUS, 1994, 191. **Figura 4:** moedas Hjordt tipo H1, H2 e H3. Fonte: FEVEILE, 2021, 60; 61.

Com base nas figuras 3 e 4 observa-se que o KG5 apresenta duas variações quanto a forma de retratar o cervo. No primeiro exemplo, o cervo olha para frente, justaposto frontalmente à uma serpente que o encara. Sobre seu dorso há um círculo e sob seu ventre ocorre um valknut. Por sua vez, o cervo da outra versão do KG5 e no KG6 apresentam forma similar ao modelo KG3 Hjordt A, no entanto, eles possuem algumas ligeiras diferenças como a presença da triquetra, e o cervo do KG6 não possui uma triquetra sob seu ventre.

A respeito do chamado “rosto de Odin” ou “ray face”, este é cercado por um círculo no qual apresenta quatro pequenas faces, duas serpentes e dois “símbolos do infinito”. Observa-se que este rosto é similar ao visto na esceta do tipo X, o que para Metcalf (1996: 412-413) essa semelhança seria uma evidência de que as moedas com serpente e cervo deveriam ter sido cunhadas primeiramente em Ribe, cidade na qual décadas antes cunhou-se a esceta do tipo X, devido a presença do rosto barbudo. Assim, a versão do KG3 Hjordt A, para Metcalf, seria uma “cópia”.

Retomando a descrição das moedas, na face com o rosto, nota-se que ambas as versões do KG5 apresentam cruces como na esceta, um dado interessante, o qual poderia ser resultante apenas de uma cópia de padrão, como sugerido por Metcalf. Apesar que na KG6 essas cruces foram substituídas apenas por uma, estando essa situada na testa. A





presença desse símbolo religioso é vista por alguns pesquisadores como sendo um elemento cristão,²¹ uma ideia que questionamos (ver nota 19).

Apesar da presença de cruzes, outros elementos vistos na moeda são possivelmente de origem pagã como os quatro rostos pequenos com longos bigodes, imagem essa encontrada em monumentos como a Pedra de Aarhus, e em pedras rúnicas como a U 1034, Sö 86, Sö 367 e DR 66. No caso das moedas, os quatro rostos podem ser também sentido simbólico, assim como nos monumentos e as “máscaras”²².

Já o quadrifólio é encontrado em outros suportes como nos broches do tipo L1d (séc. VIII), descobertos na Dinamarca, e na pedra rúnica sueca Gs 1 (c. 1070-1100), não havendo uma boa interpretação do que ele poderia significar (OLIVEIRA, 2020: 184, 236). Embora que Gannon (2010: 136-139) destacou que nas escetas do tipo K e O, encontram-se serpentes enroscadas na forma de quadrifólio, “ouroboros” ou espiral. Para a autora, tais símbolos poderiam estar associados com funções religiosas e de apotropia, associadas ao cristianismo, referindo-se à ressurreição, afirmação que contestamos (ver nota 19), visto que o quadrifólio foi representado em monumentos nórdicos deste a Antiguidade.

4) *Moedas de serpente-espiral (c. 1020-1030)*

O último exemplo de moedas com simbolismos animais a ser sistematizado, consiste em moedas cunhadas durante os governos de Canuto II, o Grande (r. 1016-1035) e de seu filho Hardacanuto (r. 1035-1042). Enquanto nos exemplos anteriores há incertezas de quais governantes teriam ordenado a feitura das moedas apresentadas, neste exemplo, sabe-se a identidade deles, inclusive nas moedas constam seus nomes. Sobre isso, salienta-se que Canuto, o Grande era rei da Dinamarca, Inglaterra, sul da Noruega e ambicionava anexar ao seu império, parte da Suécia (GULLBEKK, 2008: 161).

As moedas de Canuto e Hardacanuto teriam sido cunhadas na cidade de Lund, urbe fundada no século X e ainda hoje existente, estando atualmente localizada na Suécia, mas no século XI, fazia parte do território do reino da Dinamarca. Muitas moedas foram produzidas ali e depois em Roskilde, também na Dinamarca. Observa que no século XI

²¹ No século IX, a Dinamarca já havia recebido missões cristãs. Um exemplo disso ocorreu com o Ansgário de Hamburgo (São Óscar), o qual visitou Hedeby e Ribe por volta de 826. Posteriormente, Ansgário viajou entre 829-830 para a Suécia, indo até a cidade de Birka. E a partir de 831-832 ele foi nomeado como arcebispo de Hamburgo, estando responsável também pelo envio de missões à Escandinávia (HOLMAN, 2003: xii-xiii). Ver nota 19 com nossa crítica a esta interpretação.

²² Bertelsen (2006: 45) considerou que as máscaras nas pedras rúnicas teriam um papel apotropaico. Marjolein (2013: 150-152), assinalou que poderia ser uma referência as pessoas homenageadas, ou no caso de monumentos fúnebres, representar os mortos. Sawyer (2000: 129) destacou algumas hipóteses que sugerem que tais máscaras representariam Odin ou Thor.





os polos de cunhagem monetária deixaram de ser Ribe e Hedeby, pois tais cidades perderam sua influência econômica e política, além de que Lund e Roskilde estavam mais próximas da Suécia, território ambicionado pelos dois monarcas (METCALF, 1999: 412).

Metcalf sugeriu que a grande quantidade de moedas produzidas em Lund e encontradas na região da Escânia, possa ter sido uma medida político-econômica de Canuto, de ampliar sua autoridade no sul da Suécia. Condição essa, que moedas de seu governo foram encontradas em Gotland e outras localidades suecas. O rei Hardacanuto parece ter dado seguimento aos planos do pai, seguindo com a cunhagem de moedas do tipo serpente (METCALF, 1999: 414, 420-421), (ver figura 5).

Como salientado por Malmer (2007), as moedas dos dois reis seguem claramente modelos ingleses, pois Canuto era governante da Inglaterra desde 1016, tendo produzido várias moedas em seu reinado. No caso, observa-se nestas moedas o uso da cruz, pois ambos eram monarcas cristãos; na outra face temos serpentes enroladas ou em espiral. Na moeda de Hardacanuto a cabeça da serpente lembra a encontrada em pedras rúnicas suecas do tipo B-e-v, datadas de 1010 a 1050. De acordo com Metcalf (1999) e Malmer (2007), o uso de serpentes nas moedas de Canuto e seu filho possa ter sido uma medida de aproximar aqueles reis dos suíones e götas²³. A hipótese faz sentido, se considerarmos que no século XI, o uso da imagem de serpentes foi bastante comum nas pedras rúnicas. Havendo mais de mil destes monumentos contendo serpentes. Além disso, a Escânia e a ilha de Borholm, a qual estava politicamente ligada a Lund, são os lugares com maior concentração de pedras rúnicas com serpentes em território que esteve sob domínio dinamarquês (OLIVEIRA, 2020: 164-165).



Figura 5: Em cima, a moeda de Canuto, o Grande, abaixo, a moeda de Hardacanuto, ambas anverso e reverso. As duas datadas entre 1020-1030, tendo sido cunhadas em Lund. Fonte: MALMER (1972), plate 2. São consideradas as primeiras moedas de padrão nacionalizado da Escandinávia (GRAHAM-CAMPBELL, 2018: 16).

²³ No século XI a Suécia ainda não era um território unificado, havendo diferentes populações como os suíones, gautas, gotlandeses e sámis. Embora que os suíones e os gautas disputassem a hegemonia do território. (LINDKVIST, 2008: 221).





Diante dos dados comentados na página anterior, encontramos um motivo pelo qual os dois reis teriam optado em escolher um símbolo tão específico, pois esse encontrava visibilidade em território sueco. Além disso, o uso desse padrão auxiliaria a diferenciar as moedas de Canuto e Hardacanuto de outras moedas que circulavam na Suécia, sendo de origem própria, como as produzidas pelo rei Olavo, o Tesoureiro (r. 994-1021), as quais apresentavam cruzes e a efigie do monarca.²⁴

Interpretações e análises dos simbolismos das moedas do tipo Hjort

O primeiro elemento a se levar em conta é o fato de que o padrão iconográfico presente nas moedas tipo Hjort é exclusivo deste período e desta região.²⁵ O tema de cervídeos sendo confrontados com serpentes está ausente da Escandinávia anterior ao século IX²⁶ e as cenas são únicas – o padrão apresentado nas moedas é de um cervídeo sendo atacado em uma das patas por uma serpente ou os dois estarem em confronto, com suas bocas entrepostas (figuras 4 e 5).²⁷ Cenas envolvendo cervos e serpentes aparecem

²⁴ Mas além do uso da serpente no intuito de aproximar os reis dinamarqueses da população sueca, a presença destes animais poderia conter algum caráter simbólico, podendo novamente estar associado a ideias de autoridade, boa sorte, prosperidade e até de proteção. Recordamos também o estudo de Anna Gannon (2010: 136-140), a qual apresentou que a presença de serpentes enroladas já era encontrada entre escetas anglo-saxãs do século VIII, indicando um possível simbolismo apotropaico e até cristão também, pois a autora destacou que em moedas do tipo J e S, encontram-se elementos cristãos como a videira e a roseta, sugerindo que a serpente enrolada poderia fazer analogia com a crença da ressurreição de Cristo, algo apontando no livro do *Fisiólogo* (séc. II d.C.), importante obra sobre o simbolismo animal cristão. A presença de elementos cristãos nas moedas de Canuto e Hardacanuto são claros por conta de eles terem sido cristãos e da representação de uma cruz *central* no reverso. Além disso, sublinhamos que a Suécia do século XI estava em processo de cristianização, fato esse que os reis Eric, o Vitorioso e Olavo, o Tesoureiro já tinham se convertido, além da condição de que estavam-se erguendo pedras rúnicas com epitáfios cristãos, e posteriormente dois bispados seriam fundados no reino sueco (OLIVEIRA, 2020: 170). Por tais condições é possível que a serpente também pudesse conter algum simbolismo cristão por esse contexto apresentado, ainda mais se considerarmos o caso de que algumas moedas foram usadas como pingentes e amuletos. Florent Audy (2018) publicou um estudo sobre o uso de moedas para confeccionar colares, pingentes e amuletos. O uso indicaria propósitos estéticos, de status social e até mágico-religioso, especialmente as moedas que continham símbolos religiosos.

²⁵ O tema: *animal + símbolo geométrico* presente em Ribe e Hedeby pode ter sido influenciado por moedas produzidas na área anglo-saxã, que apresentavam a mesma relação temática (ver figura 8), mas que devem ter sido ressignificadas pela *interpretatio norræna*, adaptando simbolismos de um contexto cristão para o referencial pagão escandinavo.

²⁶ Quase sempre os cervídeos estão ao lado de serpentes, justapostos: na estela gotlandesa de Visby/Endre (figura 13), que apresenta um cervídeo e uma serpente enrolada, ambos os animais não parecem estar em algum tipo de confronto. Acima dos dois animais surge uma embarcação. Essa associação navio/serpente/cervo também vai aparecer em algumas moedas de Ribe e Hedeby do século IX e merecem maiores investigações. Uma das cenas do chifre de Gallehus, Dinamarca, que apresenta um cervídeo ao lado de uma serpente, mas os dois animais também não estão em situação de confronto ou batalha. Na bracteata de Skrydstrup (Dinamarca, séc. VI), duas serpentes encoladas entre si se situam abaixo de um cervídeo com grande galhada.

²⁷ Segundo alguns pesquisadores, o tema do confronto entre cervos e serpentes pode ter sido originado de um folclore mais antigo, relacionado ao uso de amuletos feitos de veado para combater picadas de cobra (JENSEN, 2013: 216-217). Nas sepulturas pagãs de Birka (túmulo 832, SHM 34000, SHM 18212), as decorações de veado em bordado e em uma urna funerária parecem indicar um simbolismo de renascimento,





em momentos posteriores, mas em contexto diferente: geralmente o ofídio está *enrolado* em um quadrúpede (este último podendo ser um cervo ou um leão, figuras 16, 17, 18 e 20).²⁸

Acreditamos que neste segundo caso a relação cervídeo-serpente já foi ressignificada pelo cristianismo, denotando a tradicional oposição Cristo/Satã. Outro fator que nos impele a uma interpretação totalmente pagã para as moedas do padrão Hjort é o fato delas portarem o símbolo do *valknut* – que ao contrário da suástica, da triquetra, do triskelion e da espiral - foram uma exclusividade visual do século IX, não ocorrendo antes ou depois deste contexto e principalmente, ausente de posteriores pias batismais (figura 7).²⁹ E também a sua distribuição geográfica é bem menor que a dos outros símbolos (ver figura 6) (LANGER, ALVES, 2021).

pelo fato de seus chifres mudarem a cada ano. Também existem moedas do tipo KG5, contendo representações de cervos, triquetras e serpentes, encontradas em túmulos de Birka (a exemplo do túmulo 963), indicando um possível papel especial no momento do sepultamento (JENSEN, 2013: 216-217). É possível que o cervo em alguns casos substituiu o papel do cavalo em relação à sua associação com a morte durante o período das migrações, e neste contexto o *valknut* também substituiu a suástica (dentro do antigo esquema: suástica, cavalo ou cavalo-cobra, presente por exemplo, na bracteata IK 95; placa de elmo, Vendel, túmulo I).

²⁸ O motivo de um cervídeo combatendo uma serpente é geralmente considerado como sendo a oposição Cristo/Satã na arte medieval escandinava (BAILEY, 2000: 22), mas ocorrem também variações nas interpretações: na pedra de Jelling (DR 42), o quadrúpede (talvez um leão ou cavalo) foi considerado símbolo do Deus pai, enquanto que a serpente seria o Espírito Santo, ambos na face B (e Cristo já teria sido representado na face C) (WOOD, 2014: 19-32), (ver figuras 19, 20 e 21). O tema de quadrúpedes enrolados por serpentes vai ser especialmente comum nos estilos artísticos de Jelling (c. 900-975, figuras 16, 19, 20 e 21), Mammen (c. 960-1025), Urnes (c. 1050-1125, figura 17) e Ringerike (c. 1000-1075, figura 18)

²⁹ O *valknut* escandinavo esteve presente somente no sepultamento de Oseberg, nas estelas gotlandesas e nas moedas de Ribe/Hedeby, todos do século IX. É o único símbolo pagão que não foi utilizado em pias batismais para a proteção contra demônios em igrejas escandinavas do século XII, a exemplo do martelo de Thor (Gettrup, Dinamarca); suástica (Tanun, Suécia; Lerup, Dinamarca); triquetra (Remmarlöv, Suécia); quadrifólio (Näs, Suécia). Outro detalhe importante é que ao contrário da suástica e triquetra, que possivelmente foram simultaneamente símbolos de Thor e Odin, o *valknut* foi relacionado exclusivamente aos ritos odínicos (LANGER; ALVES, 2021). Digna de nota é a única referência visual do símbolo do *valknut* representado junto com a triquetra e um monograma em toda a Era Viking, em moedas do tipo KG3 Hjort A (ver figuras 3 e 4). Neste caso, teriam o mesmo significado? Ou reforçariam os mesmos simbolismos de autoridade do governante/líder? Também é digna de menção as representações do martelo de Thor junto a cruzes em moedas da Northumbria, séc. X (de modo semelhante ao martelo em pias batismais, ao lado de cruzes), algo que nunca ocorreu com o *valknut* – este nunca foi representado com símbolos cristãos no mesmo suporte.



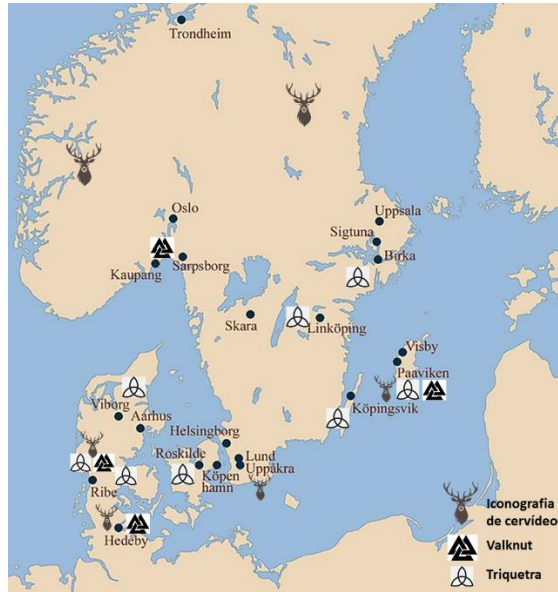


Figura 6: Mapa infográfico: *Temas cervídeos e símbolos geométricos na Escandinávia da Era Viking (séc. VIII-XI)*. Os pontos e nomes referem-se às cidades (fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Viking_cities_of_Scandinavia.jpg Acesso em 24 de outubro de 2021). A localização espacial dos símbolos foi obtida de LANGER; ALVES, 2021. Os temas cervídeos são uma inclusão atual e referem-se às cidades de Ribe e Hedéby, na Jutlândia; à igreja de Urnes (Noruega); tapeçaria de Överhogdal (Suécia), ambas do século XI; fragmento do monumento de Hunnestad, Lund, Suécia (séc. XI); estelas da Gotlândia (séc. VIII-X). Não incluímos neste gráfico os outros símbolos nórdicos, disponíveis em gráficos e mapas na bibliografia citada cima.

Outra questão fundamental é a identificação do animal: se trata do cervo vermelho (*Cervus elaphus*), um quadrúpede de grande porte que foi encontrado em grande parte da Europa e que era particularmente importante para a subsistência e economia da Escandinávia durante a Era Viking (ASHBY, 2013: 18-21). Na cidade de Ribe, produtos feitos de chifres de veado vermelho eram numerosos, consistindo desde objetos cotidianos, peças de jogos até os valiosos pentes – altamente apreciados por todo o Mar do Norte. Os animais eram caçados em florestas na região em volta da cidade ou então, comprados de negociantes estrangeiros (FEVEILE, 2013: 39). Os pesquisadores não sabem se as moedas, fabricadas nesta região, foram produzidas apenas para o comércio advindo do mercado sazonal ou foram controladas por alguma realeza local (FEVEILE, 2013: 49). Acreditamos que os simbolismos animais e geométricos presentes nas moedas constituíram parte de uma tradição visual³⁰ que foi ressignificada por alguma liderança regional, com o intuito de obter prestígio e autoridade. Desenvolvemos duas interpretações separadas sobre as moedas (privilegiando o reverso destas), que necessariamente não são excludentes, pois como já salientamos no início, não existe uma interpretação ideal do símbolo: no complexo mosaico composto pelas vivências e

³⁰ Aqui utilizamos a expressão “tradição visual” (ou iconográfica) no mesmo sentido que *esquema imagético* (ou iconográfico) proposto por CARLAN; FUNARI, 2012: 68, no estudo de moedas da Antiguidade, ou seja, a permanência de padrões visuais e artísticos em uma determinada área cultural.





significados, podem ter ocorridos diversas significações para o mesmo objeto e seus simbolismos.³¹

Símbolo/figuração	<i>Bracteatas</i> Séc. V-VI	<i>Moedas</i> Séc. IX	<i>Estelas</i> <i>gotlandesas</i> Séc. IX -XI	<i>Pedras</i> <i>rúnicas</i> Séc. XI	<i>Tapeçarias</i> Séc. XI	<i>Pias</i> <i>batismais</i> Séc. XII
<i>Suástica</i>	Alta	<u>Inexistente</u>	<u>Inexistente</u>	Rara	Rara	Rara
<i>Triquetra</i>	Rara	Alta	Rara	Rara	<u>Inexistente</u>	Alta
<i>Valknut</i>	<u>Inexistente</u>	Alta	Alta	<u>Inexistente</u>	<u>Inexistente</u>	<u>Inexistente</u>
<i>Martelo de Thor</i>	<u>Inexistente</u>	Rara	<u>Inexistente</u>	Alta	Rara	Rara
<i>Cruz solar/latina</i>	Alta	Rara	<u>Inexistente</u>	Alta	Rara	Alta
<i>Cervídeos</i>	<u>Inexistente</u>	Alta	Rara	Rara	Alta	Alta
<i>Cavalo</i>	Alta	<u>Inexistente</u>	Alta	Rara	Alta	Rara
<i>Serpente</i>	Rara	Alta	Alta	Alta	Rara	Rara

Figura 7: Tabela da ocorrência de símbolos e figurações na Escandinávia, do século V ao XI d.C. A tabela é baseada em pesquisas quantitativas disponíveis em LANGER; ALVES, 2021.



Figura 8: Dois exemplos de escetas classe E, York, reinado de Eadberto da Nortúmbria (732-758 d.C.), ambas reversos, fonte: <https://www.numisbids.com/n.php?p=lot&sid=3179&lot=1053> **Figura 9:** Moeda de prata (pêni, anverso e reverso), reinado de Haroldo III da Noruega (1047-1066). Fonte: <https://www.khm.uio.no/english/visit-us/historical-museum/exhibitions/good-as-gold/the-coin-that-established-norways-monetary-system/> **Figura 10:** moeda escandinava da Northumbria (anverso e reverso), reinado de Olavo Cuaran (941-945). Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Amla%C3%ADb_Cuar%C3%A1n



Figura 11: Cena de cerâmica da cidade de Hedeby, séc. IX-XI, fonte: RINGSTAD, 1996: 110; figura do alto. **Figura 12:** Cena de estatueta encontrada em Tornes, Noruega, séc. IX-X, fonte: RINGSTAD, 1996: 103; figura de baixo. **Figura 13-14:** cenas da tapeçaria de Överhogdal, Suécia, séc. XI. Fonte: GEYSIR, 2020.

³¹ Aqui também utilizamos o referencial da variação nos signos de poder constantes em moedas: “cada um dos signos de poder é susceptível de leituras plurais, que variam de acordo com a circulação desigual dos códigos e das chaves próprias de cada fórmula de representação” (CARLAN; FUNARI, 2012: 71-72).





15



16



17



18

Figura 15: Estela gotlandesa de Visby/Endre, estilo B (sistema Lindqvist: séc V-VI d.C.). Fonte: <https://nomadicvikings.com/viking-picture-rune-stones/> **Figura 16:** Pedra de Gosforth (cena da pesca da serpente do mundo), séc. X, Inglaterra. Fonte: <http://viking.archeurope.info/index.php?page=gosforth-thor-fishing> **Figura 17:** Detalhe da porta da Igreja de Urnes, Noruega, séc. X. Fonte: <https://thornews.com/2013/04/08/urnes-stave-church-1130-ad/> **Figura 18:** Cata vento de Källunge, Noruega, séc. XI. Fonte: https://second.wiki/wiki/veleta_de_kc3a4llunge



19



20



21

Figura 19: Fotografia da pedra de Jelling II (DR 42, face B)²², Jelling, Dinamarca, 2018; **Figuras 20-21:** reproduções colorizadas da pedra de Jelling II (DR 42), face B (a grande besta) e face C, com a representação de Cristo, palácio de Frederiksborg, Hillerød, Dinamarca. Fotografias de Johnni Langer, 2018.

Interpretação A: Cervos e Odin

O tema do cervo é dominante e central no reverso das moedas do estilo Hjort, especialmente do tipo B1/H1, H2 e H3. Tendo em vista a ocorrência do símbolo do valknut em vários exemplares nesta série (logo abaixo do cervo) e a sua relação

²² A pesquisadora Sara Oederenge considerou que a grande pedra de Jelling foi o primeiro monumento figurativo escandinavo até o século X, além das pedras da Gotlândia (ODERDENG, 2021: 312), o que é um equívoco: já existiam na Escandinávia a pedra rúnica de Mjölbro (U 877, século V-VI, Suécia), com uma gravura de um cavaleiro; a pedra rúnica de Krogsta (U 1125, Suécia, com runas do futhark antigo), com a gravura de um homem; a pedra de Hørðum (Dinamarca), com uma gravura da cena da pesca da serpente por Thor, datada entre os séculos VIII-X. Mesmo a famosa pedra rúnica de Snoldelev (DR 248, Dinamarca, século IX) pode ser incluída, visto que o seu triskelion tem a forma de três cornos entrelaçados, ou seja, figurações.





exclusivista com o deus caolho³³ acreditamos que o cervo também foi uma representação do deus Odin ou associado a este. Na poesia escáldica, Odin foi identificado com cervídeos.³⁴ Na mitologia nórdica estes animais tinham relação direta com a árvore cósmica de Yggdrasill³⁵, que por sua vez tem papel central em algumas narrativas de Odin. No padrão Hjort B1 um rosto masculino com longos bigodes aparece tanto acima do cervo,³⁶ quanto margeando a máscara de Wodan (em número de quatro, geralmente no reverso da moeda). Essas pequenas figurações são muito semelhantes às quatro faces encontradas esculpidas lateralmente no bastão de Sutton Hoo (Inglaterra, sécs. VI-VII), que possui um gamo (*Dama dama*) em seu cimo – e foi considerado por alguns pesquisadores como uma ligação do cervo com a realeza germânica e também se associando diretamente com os cultos odínicos (TOOLEY, 2009: 338-339; DE VRIES, 1957: 257).³⁷

Algumas representações visuais de cervos ligam estes animais com questões cosmológicas e ao deus Odin. Na estatueta norueguesa de Tornes, que foi identificada como sendo uma representação desta deidade, foi esculpida uma cena onde dois cervídeos estão ao lado de um Sol,³⁸ duas suásticas e 25 círculos-esferas (RINGSTAD, 1996: 103),

³³ LANGER; ALVES, 2021; HELLERS, 2005: 89, 111-119.

³⁴ O poema *Plácitusdrápa* 7 (c. 1200) preservou a palavra *elg-Þróttir* (*elg-Þróttir í stað sótti*), literalmente: alce-Odin, em referência à embarcação (*O alce do mar*). **The Skaldic Project**, <https://skaldic.abdn.ac.uk/db.php?id=977&if=default&table=verses&val=edition> Acesso em 27 de outubro de 2021. No poema *Sonatorrek* 15 (séc. X) surge a metáfora: *elgjar galga* (forca do alce). **The Skaldic Project**, <https://skaldic.abdn.ac.uk/db.php?id=2254&if=default&table=verses&val=> Seguindo uma interpretação de Sigurður Nordal, Tooley (2009: 338) acredita que este *kenning* seja uma referência para a árvore cósmica Yggdrasill. O termo em nórdico antigo, *elgr* refere-se ao alce (*Alces alces*) e na *Germânia* 43 de Tácito, o termo correspondente em proto-germânico a **alhiz/*algiz* e foi latinizado para *Alcis* – e se referia aos gêmeos divinos adorados pela tribo germânica dos Naharnaivali da Silésia. O termo teria relação com outras palavras indo-europeias para designar uma proteção divina e seria associado especialmente com cavalos (ZIMEK, 2007: 7). O alce é o maior dos cervídeos e na Escandinávia ocorre especialmente na Finlândia, Noruega e Suécia. Existem várias representações de alces nas estelas gotlandesas: um alce junto à uma serpente (Visby/Endre, figura 15); um alce sendo caçado (Ire Hellvi); dois alces lutando (Ganda).

³⁵ Quatro cervos roem Yggdrasill: “34. São quatro cervos, em brotos novos aqueles/ roem com pescocos abaixados; Dáinn e Dvalinn, Duneyrr e Duraprór”. *Grímnismól*: Os Ditos de Grímnir. Tradução de Pablo Gomes de Miranda, **Roda da Fortuna**, v. 3, n. 2, 2014, p. 315.

³⁶ As figuras de máscaras em pedras rúnicas, pingentes e moedas foram apontadas por alguns pesquisadores como tendo uma ligação com o deus Odin ou pelo menos, relacionada a um contexto de crença pagã nas pedras rúnicas (SAWYER, 2000: 129).

³⁷ Algumas figurações do deus Odin (como o pingente de Lejre, que apresenta ele sentado em um trono com corvos e lobos) estão sendo consideradas como um dos testemunhos do poder centralizado de um rei que ocorreu na região de Lejre (na qual foi descoberto o maior salão real da Era Viking) muito tempo antes de Gorm, o velho, a cristianização e de Harald Dente-Azul. Sua posse simbólica seria digna de um rei – o objeto é uma evidência da mitologia nórdica sendo utilizada com fins políticos e sociais, criando também uma identidade pelo paganismo. Fonte: SØGAARD, 2021: 18:57/20:34, 23:38/24:51.

³⁸ A conexão do Sol com cervídeos é abundante em representações da arte rupestre euroasiática desde o Paleolítico e sobrevivendo em diversas manifestações da cultura material até a Idade do Ferro (MARTYNOV, 1988: 12-29). Alguns pesquisadores também apontam as conexões cosmológico-astronômicas dos cervídeos com o fato destes animais migrarem sazonalmente pela mudança das fases da Lua; várias culturas antigas da Europa associavam constelações e a Via Látea com cervídeos; no xamanismo siberiano, os cervídeos estavam relacionados com o poder fertilizante das chuvas e outros poderes cósmicos (RAPPEGLÜCK, 2008: 62-65).





(ver figura 12). A tapeçaria de Överhogdal³⁹ possui uma cena onde uma árvore foi encimada por um pássaro, ao lado de um quadrúpede com oito patas (Sleipnir?); em outro fragmento desta tapeçaria, um cervídeo possui uma galhada que se transforma em uma árvore gigantesca (ver figura 13 e 14).⁴⁰ Também as representações de cervos encontradas em uma cerâmica de Hedeby parecem confirmar a relação entre símbolos odínicos e cosmologia (ver figura 11).⁴¹

O tema da serpente também esteve vinculado ao deus Odin em algumas narrativas,⁴² como as relacionadas ao roubo do hidromel (presentes em *Skáldskaparmál* 1 e *Hávamál* 108-110), no qual ele se transforma neste animal para adentrar na montanha de Suttung e se relacionar com Gunnlod, e para fugir, se transforma em uma águia.⁴³ Para o pesquisador Jens Schjødt, a dicotomia entre estes dois animais funcionaria cosmologicamente como uma *axis mundi*, normalmente performada pela Yggdrasil, criando uma conexão entre os mundos (SCHJØDT, 2008: 164). No caso das moedas de Ribe, a oposição cósmica seria efetuada entre um quadrúpede e um réptil, que reproduzem

³⁹ Para um panorama geral das interpretações iconográficas da tapeçaria de Överhogdal consultar: ALVES, 2018b: 313-316.

⁴⁰ As representações de galhadas gigantes de cervídeos, com conotações arboríficas, foi atestada na arte euroasiática do Paleolítico à Idade do Ferro, conectando-se aos simbolismos da árvore da vida e cultos vegetais (“pilares da fertilidade”) (MARTYNOV, 1988: 15-17). No poema *Sólarljód* (Islândia, c. 1200), que segue a métrica da poesia éddica em um contexto visionário cristão, existe uma referência cosmológica: “55. El ciervo del sol - entre dos lo traía - vi que del sur llegaba; en la tierra tenía sus patas puestas, su cuerna llegaba al cielo”. *Sólarljód*, tradução de Luis Lerate de Castro, **Scandia Journal of Medieval Norse Studies**, v. 3, 2020, p. 672. Apesar da figura do cervo neste poema ser uma representação de Cristo, não resta dúvida que a referência a uma galhada cósmica tem ligação com a imagem da tapeçaria de Överhogdal (e sem correspondente na tradição cristã), sendo portanto uma imagem advinda do paganismo, demonstrando uma ressignificação e hibridismo entre as religiosidades.

⁴¹ No pote de cerâmica de Hedeby (figura 11), ocorrem representações de cinco veados-vermelhos (*Cervus elaphus*), junto com três suásticas. As três suásticas aparecem de forma diferente: a primeira está dentro de um círculo semifechado; a segunda com padrão tradicional e a terceira com duplicação nas extremidades. Acima das suásticas, ocorre o único registro visual do *Ægishjálmur* durante a Era Viking. Este é um símbolo citado em algumas sagas islandesas e na *Edda Poética* como proteção do herói Sigurd, sendo representado em manuscrito pela primeira vez durante o último quartel do século XV (*Lækningakver*, AM 434 A 12Mo). Sua imagem neste manuscrito é muito semelhante à do pote de cerâmica de Hedeby, mas, neste último caso, não sabemos objetivamente o que significa com cervos e suásticas. A cena geral da cerâmica é de grande dinamismo e movimento, enquanto o veado e os símbolos da estatueta de Tornes (ver figura 12) são mais estáticos. Um padrão se repete em ambos os conjuntos: as suásticas foram representadas nas costas dos animais.

⁴² Em uma placa de elmo do período Vendel, Suécia (sepultura I), um cavaleiro foi representado portando uma lança (e utilizando um elmo com serpente); ao alto, dois pássaros voam sobre a sua cabeça; embaixo, próximo ao cavalo, surge uma serpente em posição de ataque. É relevante perceber que no escudo do cavaleiro surgem três esferas – aqui recordamos que a triquetra, o triskelion e o valknut foram associados a Odin, talvez devido ao simbolismo do número 3.

⁴³ O tema das figurações de serpentes em moedas escandinavas nos séculos IX ao XII d.C. precisa ser melhor investigado. Esta representação surge tanto em contextos pagãos (figura 2) quanto cristãos (figura 5). Mas mesmo neste último caso, a serpente não parece ter sentido negativo, sendo utilizado como símbolo de autoridade junto à cruz latina (representada na outra face da moeda). O seu sentido negativo pelo cristianismo surge quando representada em combate com quadrúpedes na arte escandinava monumental e em objetos móveis (ver figuras 15, 16, 17, 18 e 20). Mas neste caso, quais as motivações do combate entre os dois animais não ter sido representado em moedas no contexto cristão escandinavo?





um sentido semelhante às narrativas mencionadas: cervo (mundo celeste) *versus* serpente (mundo ctônico).⁴⁴ Isso pode ser reforçado pelas imagens de algumas moedas do tipo Hjort H2 (figura 4), onde o dorso dos cervos possui espirais do mesmo formato que a serpente representada lateralmente - a espiral é um símbolo solar,⁴⁵ especialmente importante na Idade do Bronze e período das migrações, raro na Era Viking mas ainda possuindo alguma relação com o contexto odínico.⁴⁶

Interpretação B: Cervos e Sigurd

Na mitologia nórdica as narrativas sobre o herói Sigurd estão entre os mais conhecidos durante a Era Viking, como atestam representações iconográficas em diferentes países como Suécia e Inglaterra⁴⁷, além das diferentes versões em prosa e poesia, redigidas no século XIII, as quais formam o chamado Ciclo de Sigurd. No caso, sublinhamos que as moedas do tipo Hjort, as quais apresentam a figura do cervo, serpente, o valknut e a triquetra poderiam ter alguma correlação com o mito desse herói. A hipótese para isso surgiu a partir do estudo de Massimiliano Bampi (2009), somado ao comentário do historiador Michel Pastoureau, em um de seus estudos sobre simbologia medieval, o qual apontou que até mesmo os nomes e palavras guardam simbolismos implícitos. Ele cita como exemplo o peixe lúcio, chamado *lus* em latim, que fazia analogia com a palavra *los* (recompensa, prêmio), condição essa, que em alguns torneios de cavalaria, o vencedor ganhava entre os prêmios, esse peixe (PASTOUREAU, 2002: 497-501).

⁴⁴ Esta oposição também foi registrada na literatura nórdica medieval: no poema *Grímnismál*, as serpentes que roem as raízes da Yggdrasill foram descritas logo após a lista dos cervos que habitam esta árvore cósmica (estrofes 34 e 35). **Grímnismól**: Os Ditos de Grímnir. op. cit., p. 315.

⁴⁵ Também em algumas moedas do tipo KG5 Hjort B1/H1 (ver figuras 3 e 4) ocorre ao lado do cervo, em vez de uma máscara, uma representação do que os pesquisadores consideram uma flor ou Sol (MOESGAARD, 2018: 27) e nós acreditamos que seja mesmo um Sol, reforçando a relação cosmológica da cena.

⁴⁶ Apesar de ter diminuído muito na iconografia do período Viking, a espiral ainda ocupa posição importante em alguns monumentos. Na estela Stenkyrka Lillbjärs III (G 268), Gotlândia, Suécia, séc. IX, um cavaleiro porta um escudo com uma espiral, ao lado de um valknut e um triskelion de cornos e em sua frente, uma valquíria o recepcionando. Aqui o sentido solar talvez não seja tão importante, mas pode ser que neste caso, simbolismos solares foram transferidos a Odin – pois o contexto da cena é totalmente odínico. A espiral seria assim uma proteção ao guerreiro? Em amuletos encontrados em tumbas femininas de Birka, onde observamos a representação central de uma espiral, arqueólogos identificam este objeto como sendo uma representação de escudo – neste caso, o objeto teria sido utilizado para proteção mágica individual (GRÄSLUND, 2005: 385). Snorri Sturluson menciona que escudos eram denominados de “Sol no navio”. Vários elementos da literatura e mitologia nórdica indicam que escudos eram vistos como símbolos do Sol – a exemplo do kenning para escudo: *skipsól*, (WANG, 2017: 14, 25). Talvez tenha ocorrido uma continuidade na vinculação do astro-rei com espirais e escudos, mas na iconografia da Era Viking foram transferidos para contextos odinistas. Também os chifres dos cervos foram associados aos raios do Sol no mundo germânico antigo (BAMPI, 2009: 80). Nas moedas danesas do tipo Hjort, as galhadas dos cervos são proeminentes e destacadas. O tema do simbolismo solar necessita de maiores pesquisas, bem como as reapropriações cristãs desta relação dos cervídeos e o Sol.

⁴⁷ Na Suécia existem as chamadas pedras rúnicas de Sigurd, sendo oito delas, mas a mais famosa é a Sö 101 (séc. XI). Lilla Kópar (2015) possui um estudo analisando as representações iconográficas do mito de Sigurd em monumentos na Inglaterra nos séculos IX e X.





Tendo isso em consideração, partimos da etimologia das palavras em nórdico antigo, coração (*hjarta*) e cervo (*hjörtr*), além de haver a expressão *hjart-skin* (pele de cervo)⁴⁸ (ZÖEGA, 1910: 199-201). As duas palavras são bem parecidas na escrita e na pronúncia, o que permitiria o emprego do pensamento analógico⁴⁹, em se fazer conexões simbólicas entre ambas. Dada essa explanação de como as palavras coração e cervo teriam uma conexão etimológica entre si, veremos como Sigurd e os símbolos nas moedas poderiam ter alguma conexão. Bampi salientou que essa relação é encontrada em quatro fontes:⁵⁰ na *Völsunga saga*, Sigurd come o coração de Fafnir (cap. 18) e o herói é comparado a um cervo dourado, num sonho (cap. 27);⁵¹ no poema *Fáfnismál*, o herói é descrito como sendo um “nobre cervo” (est. 3)⁵²; no *Gudrunarkvida II* (est. 2) ele novamente é comparado a um cervo⁵³; na *Piðrekssaga* (cap. 162), o herói é criado por uma cervo⁵⁴ (BAMPI, 2009: 78-80).

O fato de Sigurd ser comparado a um cervo e matar uma serpente-dragão, tem uma conexão direta com o simbolismo animal desde a Antiguidade, em que diferentes autores relatam que cervos e serpentes seriam inimigos mortais, mas os cervídeos teriam a capacidade de resistir ao veneno das cobras e até mesmo as devoraria (PASTOUREAU, 2012: 69-70).⁵⁵ Por outro lado, os mitos narram que Sigurd foi assassinado enquanto dormia, tendo seu peito apunhalado (talvez no coração, o texto não deixa isso claro) e seu

⁴⁸ Essa analogia é mantida no inglês com *heart* e *hart*, no dinamarquês/norueguês com *hjerte* e *hjort*.

⁴⁹ “Analogia é isomorfismo que leva à transferência de propriedades de algo conhecido para outro menos conhecido, isto é, gera conhecimento conectado com outros, e não apenas cumulativo. Logo, o pensamento analógico é método extensivo que depende mais das propriedades sintáticas do conhecimento do que de seu conteúdo específico. Ele busca similitudes entre seres, coisas e fenômenos, todos conectados em uma totalidade que os ultrapassa e é comum a cada elemento” (FRANCO Jr, 2008: 2).

⁵⁰ O termo utilizado em algumas fontes literárias medievais para se referir a Sigurd foi *Elgsdyr* (JÓNSSON, 1908: 307).

⁵¹ “‘Eu sonhei’, disse Gudrun, ‘que caminhava para longe do aposento das damas junto com muitas mulheres e que avistamos um imponente cervo. Ele se distinguia muito dos demais veados. Sua pelagem era de ouro. (...) Brynhild responde: ‘Decifrarei conforme virá a ser. Sigurd irá até ti, aquele que eu escolhi para mim como marido’”. **Saga dos Volsungos**, tradução de Théo Borba Moosburger. São Paulo: Hedra, 2009, p. 95.

⁵² “2. *Noble criatura* errante me llamo”, *Fáfnismál*, **Edda Mayor**, tradução de Luis Lerate. Madrid: Alianza Editorial, 2009, p. 249, grifo nosso. O termo original aqui é *gofuct dýr*, nobre cervo.

⁵³ “(...) Sigurd estaba como está entre la hierba crecido el lírio o está entre animales patilargo ciervo”, *Cantar segundo de Gudrun*, **Edda Mayor**, tradução de Luis Lerate. Madrid: Alianza Editorial, 2009, p. 293.

⁵⁴ “162. Entonces acude allí una cervia, coge al niño com la boca y se lo lleva a su guarida. Allí tenia dos cervatillos. Coloca al niño en el suelo, deja que mame de ella y lo cria como se fuera suyo. El niño permanece com la cierva durante doce meses. Es tan furte y grande como los niños de cuatro inviernos de edad”. **Saga de Teodorico de Verona**, tradução de Mariano Gonzáles Campo. Madrid: La Esfera de los Libros, 2010, p. 252-253.

⁵⁵ Desde a Antiguidade Clássica autores como Plínio, o Velho, já citavam que o cervo e a serpente seriam inimigos naturais. Essa ideia foi ressignificada por teólogos cristãos como Ambrósio de Milão (337–397), Agostinho de Hipona (354–430) e Euquério de Lugduno (380–449), tornando o cervo um animal cristológico, que representava virtudes cristãs e o próprio Cristo. Em contrapartida, a serpente tornou-se a representação do mal e do Diabo. Essa ideia manteve-se nos séculos seguintes, sendo encontrada em bestiários da Idade Média Tardia (AMATO, 2018: 23).





assassino era um de seus cunhados⁵⁶, chamado Guttorm, cujo nome advém da palavra serpente em nórdico antigo, que é *orm*. Nota-se novamente a oposição entre cervo e serpente.

Em relação aos símbolos mencionados, a triquetra remonta na mitologia o coração de pedra do gigante Hrungnir (LANGER; ALVES, 2021), enquanto o valknut seria entendido por alguns estudiosos como Westcoat (2015: 9-10), tendo uma conexão não apenas com o “nó dos mortos”, mas poderia ser o “coração dos mortos”. No caso, Westcoat (2015: 4-5) cita a *Völsunga saga* para destacar o papel simbólico do coração, em representar não apenas a emoção e sentimento, mas o valor do indivíduo. O autor refere-se ao capítulo 39, quando se menciona que Hogni tem um coração bravo, já o escravo Hjalli possuía um coração covarde. Levando em consideração a hipótese de Westcoat de que o valknut poderia simbolizar também o “coração dos mortos”, expressando assim valores de coragem, dignidade, marcialidade e outros possíveis significados⁵⁷.

Mas como o mito de Sigurd, o cervo, a serpente, a triquetra e o valknut poderiam se conectar nas moedas do tipo Hjort? A ideia de governantes ou senhores, utilizarem mitos e lendas para realçar sua linhagem é uma prática antiga e difundida entre diferentes povos e culturas. E no caso dos nórdicos isso também existiu. Recordamos das pedras rúnicas suecas contendo imagens de Sigurd lutando contra Fafnir, tratando-se de monumentos de caráter comemorativo e até fúnebre (OLIVEIRA, 2020: 182). Inclui-se também algumas pedras tumulares e cruces, na Inglaterra, onde cenas do mito também foram esculpidas (KÓPAR, 2015). O que isso tem em comum, foi a condição de que homens dos quais nada conhecemos, no entanto, decidiram utilizar referências do Ciclo de Sigurd para reforçarem laços de identidade e talvez linhagem.

Se considerarmos o que foi explanado anteriormente sobre o pensamento analógico, podemos considerar que os símbolos animais e geométricos podem ter sido associados a Sigurd. Primeiro, levando em consideração a relação etimológica entre coração (*hjarta*) e cervo (*hjörtr*), somando-os a condição de que em algumas versões do mito de Sigurd, o herói foi comparado a um cervo, animal associado com os governantes

⁵⁶ Os outros cunhados de Sigurd também são mortos posteriormente. Hogni tem o coração arrancado e Gunnar é atirado num poço de cobras. Observa-se novamente a presença do simbolismo do coração e da serpente, estando diretamente associados ao herói.

⁵⁷ Westcoat (2015: 10-20) analisou a presença do valknut em algumas pedras gravadas, monumentos erigidos para fim de homenagem, os quais alguns faziam uso de narrativas mitológicas. Para ele os valknut teriam distintas interpretações a depender do contexto, alguns estariam associados a mitos específicos ligados a Odin ou a Thor. O autor também analisou o símbolo em outros suportes, mostrando sua extensão de aplicação e a dificuldade de conceituar seus sentidos. Mas em nossa pesquisa anterior, concluímos que o valknut possui relação simbólica e ritual somente com Odin (LANGER; ALVES, 2021).





e o prestígio real, sendo o próprio Sigurd oriundo de uma linhagem nobre.⁵⁸ Segundo, a condição do valknut e da triquetra terem também uma analogia com a ideia de coração, podendo representarem a bravura, honra, a marcialidade e até mesmo noções religiosas, as quais poderiam evocar a autoridade do governante, status social ou algum tipo de proteção ou boa sorte.

O cervo além de representar o governante, era também símbolo associado com a vida, a sorte e talvez a proteção.⁵⁹ Ele poderia ser um contraponto a serpente, a qual poderia significar morte.⁶⁰ Por outro lado, a serpente também simbolizava vida, sorte, proteção, autoridade, ameaça e imponência. Características que poderiam não se opor, mas serem complementares às do cervo e dos demais símbolos. Dessa forma, o governante que ordenou a cunhagem daquelas moedas, poderia ter agido de forma similar as pessoas que fizeram uso da figura de Sigurd para se promoverem e terem sua imagem associada ao herói. Ainda mais considerando que as moedas Hjort foram cunhadas entre os anos de 820 e 840, numa época em que a Dinamarca ainda não tinha sido unificada e passava por instabilidade política, onde senhores disputavam o poder⁶¹, o que seria um indicativo de cunhar moedas com um simbolismo forte e influente, que legitimasse o

⁵⁸ Michel Paustoreau (2012: 69) comentou que entre os celtas e germânicos o cervo era animal associado com a natureza, as florestas, a terra, o sol, a luz e a caça; seus chifres remeteriam a virilidade, fertilidade, prosperidade, entre outros significados. Paustoreau salientou que enquanto o cervo era pouco querido pelos romanos, considerado um animal tímido, fraco e veloz, os celtas e germânicos já lhe concediam atributos mais valorosos e essa percepção foi assimilada pelos cristãos, quando o cervo se tornou símbolo das caçadas reais e da realeza. Para Varenius (1994: 186) o uso destes animais teria uma correlação mais com a cultura nórdica, do que a influência externa advinda dos reinos anglo-saxões e do império carolíngio. Varenius citou o caso de que no navio de Oseberg (séc. IX) exista a presença de representações iconográficas de cavalos e cervos. Já Mandt (2000: 8) destacou o caldeirão de Gundestrup (II a.C. – II d.C.) e os chifres de Galleus (5 d.C.), ambos encontrados na Dinamarca e que apresentam cervos e serpentes. Por esses exemplos, observa-se que a presença de cervos ao lado de serpentes já existia no contexto dinamarquês independente da influência da relação cristológica com esses animais.

⁵⁹ Fletcher (2014: 97) assinalou um dado interessante. No poema *Beowulf* (c. 1000), cuja história se passa num período anterior na Dinamarca, o rei Hrotghar vivia no salão chamado Heorot, que significa “salão do cervo”, cujo local era descrito como belo e imponente, algo digno de um próspero monarca. Para Fletcher, isso seria um indicativo de que o cervo era um animal associado com a nobreza. Sobre isso, acrescentamos que entre os carolíngios e anglo-saxões já existia a caça ao cervo como uma prática que conotava status. Algo que seria desenvolvido nos séculos seguintes.

⁶⁰ As serpentes abundam em representações e significados na Escandinávia da Era Viking, pois dependendo do contexto, esses animais assumiriam um significado positivo, evocando força, bravura, autoridade, fertilidade, fecundidade, proteção, cura, saúde, vida, boa sorte, ou sentidos negativos, expressando perigo, punição, morte, trapaça, o mundo dos mortos, azar, traição. Essa diversidade de significados apresenta uma grande polivalência e ambivalência de sentidos (OLIVEIRA, 2020: 38-66).

⁶¹ A Dinamarca na década de 820 vivenciou disputas de poder iniciadas com o assassinato de Godofredo I em 810. No caso, credita-se que Horik I teria começado a governar por volta de 827, como único rei da Dinamarca (HOLMAN, 2003: xii). Por conta de seu suposto reinado unificado, acredita-se que as moedas de Hedeby, poderiam retratar esse rei, mas não há confirmação disso.





governante e seu domínio⁶², sendo as moedas uma forma simples de circular essa ideia⁶³ (METCALF, 1996: 414-415).

Conclusão: Moedas danesas e signos de poder

A numismática dinamarquesa considera que as moedas cunhadas em Ribe poderiam ter sido originadas tanto do interesse econômico de comerciantes da região ou por outro lado, como consequência de uma autoridade política local. Como vimos em nossa interpretação, os cervos constituíam uma importante base econômica em Ribe, ao mesmo tempo em que faziam parte de uma rica tradição visual, tanto em conjunto com as serpentes, ou especialmente, de modo separado. E elas possivelmente foram conectadas com questões cosmológicas relacionadas ao deus Odin e constantes de diversas situações de autoridade política no mundo germânico (especialmente anglo-saxônico, como a conexão entre Woden como progenitor das genealogias reais, AYZ, 2019: 305-313). Também os cervos e serpentes aparecem relacionados ao mundo heroico de Sigurd e possuem implicações de legitimidade do poder e autoridade – este herói foi considerado um ancestral da casa real norueguesa, e um de seus netos teria sido rei da Dinamarca – (BAMPI, 2009: 83). Isso demonstra que uma liderança local, talvez um rei, tenha efetivamente controlado a emissão e circulação das moedas, de modo mais pertinente do que apenas os comerciantes (figura 22).

Mas não temos fontes e pistas para definir exatamente qual liderança tenha sido, apenas o seu possível papel como emissor das moedas. Os governantes da Jutlândia no início do século IX utilizavam o conceito de rei enquanto sacerdote circunstancial de sua região, controlando não somente o mundo político – mas também o mundo espiritual e as negociações entre os deuses e a população em geral e especialmente a relação vitória, fertilidade e segurança.⁶⁴ A hereditariedade não era uma condição frequente, sendo a possibilidade de oferecer segurança e proteção contra inimigos e invasores externos a sua principal obrigação, com uma base militar estruturada por um grupo pessoal de guerreiros, advindo da aristocracia. As referências a realezas regionais, como Godofredo

⁶² Malmer (2007: 18) apontou que as moedas dos grupos KG3 ao KG6 possuíam influências de moedas de reis carolíngios, emulando-as. Metcalf (1996: 420) sugeriu que algumas moedas dos grupos KG3 e KG4, apresentam padrões vistos em Birka e Gotlândia, contendo a presença de navios e galos. Tais comentários expressam que houve uma tentativa de tornar as moedas cunhadas em Hedeby e Ribe representativas, adotando-se diferentes simbolismos, o que incluiu o cervo, a serpente e o valknut.

⁶³ Neste âmbito, entre os animais mais comumente caçados na Dinamarca medieval estavam os cervídeos, que se tornaram símbolo das caçadas reais. Posto isso, o cervo poderia estar neste contexto simbolizando a atividade da caça associada com os senhores e a serpente simbolizaria autoridade e força.

⁶⁴ A natureza exata do poder real desta época não é conhecida, mas podemos refletir sobre o seu poder militar e certos aspectos do controle regional que exercia (GELTING, 2010: 76).





I e a construção de um sistema de fortificações contra os carolíngios entre 804 a 810 (*Danevirke*), atestam a importância destas lideranças até o advento de poderes mais abrangentes e unificadores, com Haroldo Dente-Azul em 958 (OLSEN, 1989: 27-32).⁶⁵

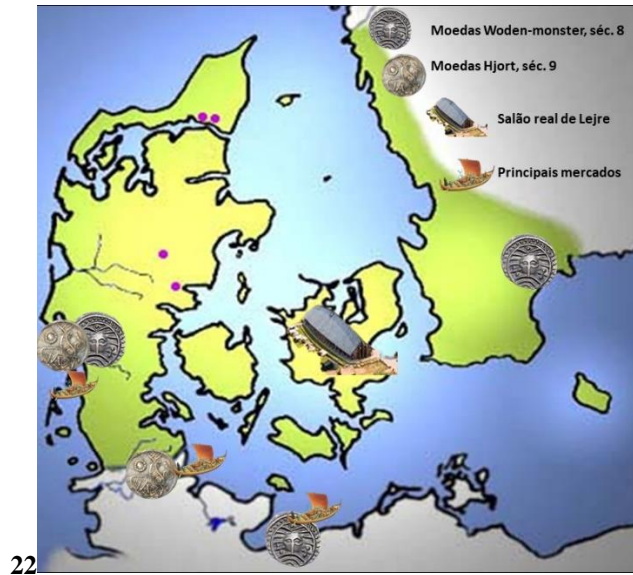


Figura 22: Mapa da Dinamarca durante a Era Viking. A distribuição de escetas do tipo X (Woden-Monster) no século VIII, corresponde às regiões de Ribe (Jutlândia, Dinamarca, alto à esquerda), Åhus (Escânia, Suécia, alto à direita) e Reric (Alemanha, abaixo), todas zonas de fronteiras étnico-culturais (abarcando Daneses, Suíones, Frísios, Saxões e Obodritas). O salão real corresponde ao sítio de Lejre, Zelândia, Dinamarca. As moedas do tipo Hjort, no século IX, também parecem retomar uma dinâmica da autoridade de uma realeza, englobando a Jutlândia e a fronteira com Reric. Segundo o arqueólogo Morten Søvnsø a existência de um forte empório no sul da Escandinávia, com cunhagem de moedas em Ribe, representa o início de um reino danês centralizado muito antes de Haroldo Dente-Azul, cujo centro político deve ter sido em Lejre, entre os séculos VIII e IX. A região verde corresponde à área de influência danesa após 950 d.C. Fonte: SØGAARD, 2021: 01:40/06:30, 16:40/16:52; SØVSØ, 2017: 75-86. Gráfico-mapa dos autores.

E a emissão de moedas não reflete apenas um crescente poder, mas também a existência de uma proteção para a rota comercial e a sua consequente taxação. Mas além de seu valor monetário, elas transmitem significados: atributos de autoridade e poder, indispensáveis para qualquer tipo de prestígio político. Ao contrário dos monumentos fixos, as moedas circulam numa espacialidade muito maior, levando consigo uma quantidade de mensagens sobre identidade político-religiosa que obtém muito mais abrangência, atingindo iletrados e letrados (CARLAN; FUNARI, 2012: 69). A exemplo de outras moedas na Europa alto medieval (como as carolíngias, RODRIGUES, 2021:

⁶⁵ A teoria tradicional apresenta a visão de que pequenos reinos foram aos poucos sendo englobados por reinos maiores, até a unificação de Haroldo Dente-Azul (OLIVEIRA, 2018b: 356-358). Mas algumas pesquisas mais recentes apresentam a hipótese de que na realidade Haroldo teria reunificado a Dinamarca (ALVES, 2018a: 173-179). E também algumas pesquisas arqueológicas vem apresentando a visão de um reino centralizado, não somente na Jutlândia mas também na região da Zelândia e Escânia ainda no século VIII. Isso pode, em parte, explicar porque a região da Jutlândia (especialmente Ribe) não forneceu evidências históricas e arqueológicas de uma alta aristocracia (como templos e salões reais) (SØVSØ, 2017, 83-85).





275), elas serviam de propaganda e afirmação do poder do governante através de símbolos religiosos.

Em nossa pesquisa, concluímos que as moedas danesas examinadas continham um caráter mitológico e divino,⁶⁶ utilizado por alguma liderança regional. Se estendermos a produção de moedas até o século XI, elas podem se tornar fontes preciosas para o estudo da transição religiosa na Escandinávia, ainda não contemplada em profundidade pelos pesquisadores (LUND, 2013: 173).⁶⁷ Outra conclusão, baseada em nosso estudo, é que o símbolo da triquetra, raro nas moedas danesas do século VIII (em comparação com o valknut),⁶⁸ torna-se preponderante após o século X, sendo majoritário também em monumentos e igrejas. Isso pode ser tanto uma influência direta das ilhas britânicas (especialmente Inglaterra e Irlanda), quanto uma ressignificação cristã, reforçando o simbolismo da trindade dentro de um referencial híbrido, mas é um tema que necessita ser aprofundado.⁶⁹

⁶⁶ É de se destacar também os usos mágicos das moedas escandinavas e não escandinavas (especialmente bizantinas e islâmicas), furadas e adaptadas como pingentes pelos nórdicos durante a Era Viking; o fato de muitas moedas escandinavas terem sido encontrada em áreas votivas ou em sepultamentos nórdicos; muitas moedas não escandinavas receberam grafites do martelo de Thor e outros símbolos religiosos na região da Escandinávia e no Leste; moedas escandinavas do século XII com motivos de triquetras foram depositadas nos sítios sacrificiais Sámi de Rávttasjávri e Unna Sáivva. Tudo isso necessita de maiores pesquisas e reflexões.

⁶⁷ Uma problemática muito interessante para novas pesquisas é a relação entre autoridade divina e papel político na Dinamarca – ela se inicia somente com o cristianismo ou também foi utilizada pelo paganismo, ou ainda, foi uma construção instaurada pelo processo de hibridismo religioso?

⁶⁸ A problemática do valknut (associado a Odin) como um símbolo pagão que desaparece no contexto cristão e os símbolos de Thor, que são ressignificados pelo cristianismo, já havia sido refletido superficialmente em nossa publicação anterior (LANGER, 2011: 159). A pesquisadora Andrieli Zanirato, a respeito desta publicação, afirmou: “Johnni Langer vê a conversão como uma metanoia, ou o abandono radical de todas as crenças anteriores de um indivíduo” (ZANIRATO, 2019: 51). Trata-se de uma interpretação totalmente equivocada e falaciosa de nosso estudo. A conversão também é um processo híbrido e de ressignificação porque envolve religiosidade e práticas populares, nunca completamente controladas pela elite secular ou pelos clérigos/Igreja, como afirmarmos nesta mesma publicação criticada por Zanirato: “Ao mesmo tempo em que estes estereótipos fazem parte da criação individual, eles podem também ser sintomáticos da existência de tradições e crenças ainda vigentes na sociedade, como também precisam ser evocados devido à audiência presente nesta época (...) o que implica não em uma conversão total, mas em um primeiro contato com as estruturas simbólicas da nova religiosidade, sem abandonar totalmente suas crenças antigas.” (LANGER, 2011: 7-9).

⁶⁹ Uma das poucas publicações que aborda (superficialmente) a triquetra em moedas escandinavas do século X foi GARIPZANOV, 2011, e reflete a tendência interpretativa da maioria dos pesquisadores – este símbolo tem origem cristã e foi advindo externamente, do mundo anglo-saxão. Sobre a relação do símbolo com o paganismo nórdico, o autor comenta que não existem evidências para reforçar esta ideia (GARIPZANOV, 2011: 4). Obviamente aqui o autor não levou em conta as triquetras que foram representadas nas moedas danesas do século IX, em contexto totalmente pagão (ver figuras 2, 3 e 4). Outro problema, comum entre os pesquisadores, é tratar a triquetra e outros símbolos religiosos antigos, como sendo puramente decorativos nos monumentos e objetos móveis da Era Viking (GARIPZANOV, 2011: 4; IMER, 2016: 274). Isso se deve em parte à falta de estudos analíticos, sistematizadores e comparativos do simbolismo nórdico antigo. Outra tendência muito comum entre os acadêmicos é considerar a triquetra (mesmo em contexto totalmente cristão) como sendo apenas um símbolo da trindade – mas uma recente análise sistematizadora de moedas anglo-saxãs, por exemplo, já vem considerando este como um símbolo apotropaico (ao menos em alguns contextos, fugindo de seu aspecto puramente morfológico, relacionado ao número três) (GANNON, 2010: 27, 113). Também é significativo de mencionar o detalhado estudo sobre a iconografia da pedra de Jelling (DR 42, figuras 19, 20 e 21), onde Rita Wood analisou a





Novas pesquisas podem ser realizadas, empregando também outros tipos de fontes materiais (como pedras rúnicas e monumentos), com outras perspectivas comparadas e especialmente, abordagens empregando referenciais diacrônicos para se perceber continuidades ou mudanças na elaboração de símbolos na área escandinava.⁷⁰ De maneira geral, o estudo da cultura visual ainda é muito promissor na Escandinavística aplicada ao período Viking, seja em seus aspectos mitológicos e religiosos, quanto na História e em outros temas sociais.

Referências bibliográficas (fontes secundárias):

- ALVES, Victor Hugo Sampaio. Dinamarca na Era Viking. In: LANGER, Johnni (Org.). **Dicionário de História e Cultura da Era Viking**. São Paulo: Hedra, 2018a, p. 173-179.
- ALVES, Victor Hugo Sampaio. Tapeçaria de Överhogdal. In: LANGER, Johnni (Org.). **Dicionário de História e Cultura da Era Viking**. São Paulo: Hedra, 2018b, p. 673-676.
- AMATO, Marcelo Cardoso. **O simbolismo de animais com chifres em bestiários ingleses**. Dissertação de Mestrado em História Medieval, Faculdade de Socia de Ciências Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2018.
- ANDERSON, Carl Edlund. The Danish Tongue and Scandinavian Identity. **Mid-American Medieval Association**, p. 1-13, 2000.
- ASHBY, Steve. The Deer and the Viking. **Deer: Journal of the British Deer Society**, p. 18-21, 2013.
- AUDY, Florent. **Suspended Value Using Coins as Pendants in Viking-Age Scandinavia** (c. AD 800–1140). Stockholm: Stockholm University Press, 2018.

representação de serpente da face B levando em conta a arte cristã, mas também os motivos de serpentes nas pedras rúnicas; mas para as várias referências visuais de triquetras neste monumento, a autora considerou apenas a arte cristã e seus significados dentro do cristianismo (WOOD, 2014: 19-32), não levando em conta este símbolo na arte pagã, e mais especificamente na cultura visual do paganismo na Dinamarca. Em recente estudo sobre os monumentos rúnicos de Jelling, a pesquisadora Sara Oderdengge vem considerando a grande pedra rúnica (DR 42) como sendo uma mistura do paganismo com o cristianismo, com aspectos tradicionais e também únicos, mas somente citou as figurações dos animais e de Cristo, sem mencionar as triquetras deste monumento (ODERDENGGE, 2021: 322-324). De maneira geral, os acadêmicos abandonaram as tradicionais perspectivas de estudos em simbologia após a Segunda Guerra Mundial, devido ao impacto do uso da suástica pelos nazistas. Um exemplo disso é o recente estudo monográfico sobre os símbolos gráficos de autoridade do cristianismo antigo e alto medieval, que somente se concentra na cruz e em símbolos cruciformes. A triquetra, o triskelion, o quadrifólio, a espiral e a suástica estão totalmente ausentes deste extenso estudo. A suástica, por exemplo, é um importante símbolo que correu extensivamente da arte paleo-cristã até em Igrejas do Oitocentos, tanto no mundo oriental, bizantino, latino como na Escandinávia. Um exemplo prático do desprezo acadêmico desta obra em relação à suástica e outros símbolos citados é com a figura 31, envolvendo um mosaico da basílica de Aquiléia, Itália, com várias representações de suásticas, quadrifólios e cruzes. O autor analisou e comentou somente os símbolos cruciformes desta fotografia (GARIPZANOV, 2018: 84). Os demais nem foram mencionados.

⁷⁰ Neste sentido uma pesquisa muito interessante foi a respeito de moedas cunhadas na Inglaterra, durante o reinado de Olavo III Guthfrithson em York (séc. X), a qual continham representações de corvos e estandartes do corvo, ambos associados ao deus Odin (ver similar na figura 10). Elas celebrariam o retorno ao poder dos nórdicos em York, e teriam sido promovidas pela elite cristã, demonstrando um pluralismo religioso neste local (WILD, 2008: 201, 211). Novas pesquisas envolvendo a área das ilhas britânicas e o mundo anglo-saxão contraposto ao escandinavo são necessárias.





- AYAZ, Fevzi Burhan. From god to progenitor: the figura of Woden in pagan & early christian England. **International Symposium of Mythology**, Ardaha, 2019, p. 305-313.
- BAILEY, Richard N. Scandinavian Myth on Viking-period Stone Sculpture in England. In: BARNES, Geraldine; ROSS, Margaret Clunies (Eds.). **Old Norse Myths: Literature and Society**. Sydney: Centre for Medieval Studies, 2000, p. 15-23.
- BAMPI, Massimiliano. “Göfuct dýr ec heiti”: Deer symbolism in Sigurðr Fáfnisbani? **The 14th International Saga Conference**, Uppsala, 9th – 15th August, 2009, p. 78-84.
- BARRET, David. **An Analysis of the Series X or Wodan Monster Sceattas**: some implications for trade and exchange in the 8th Century AD. Dissertation (Doctorate in Archeology), Department of Archeology and Prehistory, University of Sheffield, 1990.
- BERTELSEN, Lise Gjedessø. On Öpir’s pictures. In: STOKLUND, Marie; NIELSEN, Michael Lerche; HOLMBERG, Bente (orgs.). **Runes and their Secrets**. Studies in Runology. International Symposium on Runes and Runic Inscriptions 5, Kopenhagen, 2006, p. 31-64.
- BRADLEY, Jill. Building a Visual Vocabulary. **The Retrospective Methods Network** 4, p. 31-39, 2012.
- CARLAN, Claudio Umpierre; FUNARI, Pedro Paulo A. **Moedas: A Numismática e o estudo da História**. São Paulo: Annablume, 2012.
- COIMBRA, Álvaro da Veiga. Noções sobre numismática. **Revista de História**, n. 25, p. 241-275, 1956.
- CHRISTIANSEN, Eric. **The Norsemen in the Viking Age**. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.
- DAVIDSON, Hilda R. E. **Myths and symbols in pagan Europe**. Syracuse: Syracuse University Press, 1988.
- DE VRIES, Jan. **Altgermanische Religionsgeschichte**, vol. I. Berlin: Gruyter, 1957.
- FEVEILE, Claus. Damhus-skatten – en foreløbig præsentation af en Ribeudmøntning fra tidlig 800-årene. **Arkæologi i Slesvig Archäologie in Schleswig**. Museum Sønderjylland-Arkæologi Haderslev, 2021, p. 51-66.
- FEVEILE, Claus. **Viking Ribe: trade, power and faith**. Ribe: Sydvestyske Museer, 2013.
- FEVEILLE, Claus. Ribe: *emporium* and town in the 8th and 9th century. In: GELICHI, Sauro; HODGES, Richard (eds.). **From one sea to another trading places in the European and Mediterranean Early Middle Ages**. SCISAM 3. Turnhout: Brepols, 2012, p. 111-122.
- FEVEILE, Claus. Series X and Coin Circulation in Ribe. In: ABRAMSON, Tony (ed.). **Studies in Early Medieval Coinage**, Volume I: Two decades of discovery. Woodbridge: The Boydell Press, 2008, p. 53-67.
- FLETCHER, John. **Deer**. London: Reaktion Books, 2014. Animal Series.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. Modelo e Imagem. O pensamento analógico medieval. **Bulletin du centre d’études médiévales d’Auxerre**, BUCEMA, n. 2, p. 1-29, 2008.
- GANNON, Anna. **The Iconography of Early Anglo-Saxon Coinage**. Sixth to Eight Centuries. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- GARIPZANOV, Ildar. **Graphics Signs of Authority in Late Antiquity and the Early Middle Ages**, 300-900. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- GARIPZANOV, Ildar. Religious symbols on early christian scandinavian coins (ca. 995-1050): from imitation do adaptation. **Viator** 42, p. 1-15, 2011.
- GELTING, Michael H. The kingdom of Denmark. In: BEREND, Nora (ed.). **Christianization and the rise of Christian monarchy: Scandinavian central Europe and Ru’s c. 900-1200**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 73-120.





- GEYSIR, Roter. **Yggdrasil and the Överhogdal Tapestries.** <https://rotergeysir.net/yggdrasiloverhogdal-tapestries/>. Acesso em 5 de novembro de 2020.
- GRAHAM-CAMPBELL, James. **Viking art.** London: Thames and Hudson, 2018.
- GRÄSLUND, Anne-Sofie. Dating the Swedish Viking-Age rune stones on stylistic grounds. In: STOKLUND, Marie [et. al] (eds.). **Runes and their Secret.** Studys in Runology. Copenhagen: Museum Tusculanum Press, 2006, p. 117-139.
- GRÄSLUND, Anne-Sofie. Symbolik för lycka och skydd: vikingatida amulethängen och deras rituella kontext. In: **Fra funn til samfunn: Jernalderstudier tilegnet Bergljot Solberg på 70-årsdagen,** Universitetet i Bergen, 2005, p. 377-392.
- GULLBEKK, Svein H. Coinage and Monetary Economies. In: BRINK, Stefan (ed.). **The Viking World.** London: Routledge, 2008, p. 159-169.
- HAYWOOD, John. Coins and coinage. **Encyclopaedia of the Viking Age.** London: Thames and Hudson, 2000, p. 48.
- HELLERS, Tom. **Valknútr.** Norway: Studia Mediaevalia Septentrionalia, 19, 2005.
- HILBERG, Volker. Hedeby: an outline of its research history. In: BRINK, Stefan (ed.). **The Viking World.** London/New York: Routledge, 2008, p. 101-111.
- HOLMAN, Katherine. **Historical Dictionary of the Vikings.** Lanham: The Scarecrow Press, 2003.
- HUPFAUF, Peter F. **Signs and symbols represented in Germanic, particularly early Scandinavian, iconography between the Migration Period and the end of the Viking Age.** Tese de doutorado em Filosofia, Universidade de Sydney, 2003.
- IMER, Lisbeth. Rune stones. In: **National Museum of Denmark: Danis prehistory.** Copenhagen: Narayana Press, 2016, p. 270-279.
- JENNBERT, Kristina. **Animals and humans: recurrent symbiosis in archaeology and Old Norse religion.** Lund: Nordic Academy Press, 2011. (Vägar Till Midgård, 14).
- JENSEN, Bo. Chronospecificities: Period-Specific Ideas About Animals in Viking Age Scandinavian. **Culture, Society & Animals**, n. 21, p. 216-217, 2013.
- JÓNSSON, Finnur. **Tilnavne i den islandske oldlitteratur.** Kjøbenhavn: Thieles Sogtrykkeri, 1908.
- KLINGENDER, Francis. **Animals in art and thought.** To the End of the Middle Ages. Edited by Evelyn Antal and John Hartham. London: Routledge, 2019.
- KOPÁR, Lilla. The Case of the Headless Body: A Note on the Iconography of Sigurd and Wayland in Viking-Age England. In: HEIZMANN, Wilhelm; OEHL, Sigmund (eds.). **Bilddenkmäler zur germanischen Götter- und Heldensage.** Reallexikon der Germanischen Altertumskunde, Ergänzungsband 91. Berlin: De Gruyter, 2015, p. 315-332.
- LANGER, Johnny. Era Viking. In: LANGER, Johnny (Org.). **Dicionário de História e Cultua da Era Viking.** São Paulo: Hedra, 2018, p. 212-220.
- LANGER, Johnny. A Religião Nórdica Antiga: conceitos e métodos de pesquisa. **Rever: Revista de Estudos da Religião**, v. 16, n. 2, p. 118-143, 2016.
- LANGER, Johnny. Cervo e xamanismo. In: LANGER, Johnny (org.). **Dicionário de mitologia nórdica: símbolos, mitos e ritos.** São Paulo: Hedra, 2015, p. 97-98.
- LANGER, Johnny. Cristãos e pagãos na Escandinávia da Era Viking: uma análise do episódio de conversão da Njáls saga. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 4, n. 10, p. 3-22, 2011.
- LANGER, Johnny; OLIVEIRA, Ricardo; FERREIRA, Andressa. O simbolismo da águia na religiosidade nórdica pré-cristã e cristã. **Revista Brasileira de História das religiões** v. 8, n. 23, p. 125-162 2015.
- LANGER, Johnny; ALVES, Victor Hugo Sampaio. Sacred signs, divine marks: geometric religious symbols in Viking Age Scandinavia. **Ceræ: An Australasian Journal in Medieval and Early Modern Studies** 8, 2021 (no prelo).





- LECOUTEUX, Claude. **The tradition of household spirits: ancestral lore and practices.** Translated by Jon E. Graham. Vermont: Inner Traditions, 2013.
- LINDKVIST, Thomas. Kings and provinces in Sweden. In: HELLE, Knut (ed.). **The Cambridge History of Scandinavia**, vol. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 221-236.
- LUND, Niels. Religionsskiftet i Skandinavien: Nye bud på et gammelt problem. **Historisk Tidsskrift**, v. 102, n. 1, p. 170-176, 2013.
- MALMER, Brita. South Scandinavia Coinage in Ninth Century. In: GRAHAM-CAMPBELL, James; WILLIAMS, Gareth (eds.). **Silver Economy in the Viking Age.** Walnut Creek/CA: Left Coast Press, 2007, p. 13-27.
- MALMER, Brita. **King Canute's Coinage in the Northern Countries.** London: Viking Society for Northern Research, 1972.
- MALMER, Brita. Nordiska mynt före år 1000. **Acta Archaeologica Lundensia series**, in. 8, n. 4, p. 510-517, 1966.
- MANDT, Gro. Fragments of Ancient Beliefs: The Snake as a Multivocal Symbol in Nordic Symbolism. **ReVision**, vol. 23, n. 1, p. 17-23, 2000.
- MAREZ, Alain. **Anthologie runique.** Paris: Belles Lettres, 2007.
- MARJOLEIN, Stern. **Runestone image and visual communication in Viking Age Scandinavia.** PhD Thesis (Doctor of Philosophy) – University of Nottingham, 2013.
- MARTYNOV, Anatoli I. The Solar Cult and the Tree of Life. **Arctic Anthropology**, Vol. 25, No. 2, 1988, p. 12-29.
- MENINI, Vitor. Moedas e cunhagem. In: LANGER, Johnni (Org.). **Dicionário de História e Cultura da Era Viking.** São Paulo: Hedra, 2018, pp. 507-511.
- METCALF, David Michael. Viking-Age Numismatics 2. Coinage in the Northern Lands in Merovingian and Carolingian Times. **The Numismatic Chronicle**, v. 156, p. 399-428, 1996.
- METCALF, David Michael. Viking-Age Numismatics 5. Denmark in the time of Cnut and Harthacnut. **The Numismatic Chronicle**, v 159, p. 395-430, 1999.
- MIKKELSEN, Egil. Islam and Scandinavia during the Viking Age, In: PILTZ, Elisabeth (Ed.). **Byzantium and Islam in Scandinavia: Studies in Mediterranean Archaeology** v. CXXV, p. 39-51, 1998.
- MOESGAARD, Jens Christian. Den fremadskuende hjort - en hidtil uerkendt fase i Ribes udmøntning i 800-tallet? **By, marsk og geest**, n. 30, p. 17-27, 2018.
- NORDBERG, Andres. Circular flow of tradition in Old Norse Religion. **Forn Vånnen** 2, p. 76-88, 2018.
- ODERDENG, Sara Hosana. O Poder Real nas Pedras Rúnicas de Jelling. In: FONSECA, José Francisco; SANCHEZ, Marina Duarte; SILVA, Isabela Alves (Orgs.). **III Jornada de Estudos Medievais: Idade Média e História Global.** São Paulo: Pensante, 2021, p. 309-334.
- OLIVEIRA, João Bittencourt. Topônimos escandinavos na Ilhas Britânicas. **Brathair**, v. 11, n. 1, p. 41-64, 2011.
- OLIVEIRA, Leandro Vilar. **A guardiã dos mortos: um estudo do simbolismo religioso da serpente em monumentos da Era Viking** (sécs. VIII-XI). Tese de Doutorado em Ciências das Religiões, Programa de Ciências das Religiões, Universidade Federal da Paraíba, 2020.
- OLIVEIRA, Leandro Vilar. Hedeby. In: LANGER, Johnni (org.). **Dicionário de História e Cultura da Era Viking.** São Paulo: Hedra, 2018a, p. 365-367.
- OLIVEIRA, Leandro Vilar. Haroldo Dente Azul (Haraldr Gormsson). In: LANGER, Johnni (org.). **Dicionário de História e Cultura da Era Viking.** São Paulo: Hedra, 2018b, p. 356-358.





- OLIVEIRA, Ricardo Wagner Menezes de. **Feras petrificadas**: O simbolismo religioso dos animais na Era Viking. Dissertação de mestrado em Ciências das Religiões pela UFPB, 2016a.
- OLIVEIRA, Ricardo Wagner Menezes de. Entre normas e valquírias: O simbolismo do cisne na Religiosidade Nórdica Pré-Cristã. **Anais do II Simpósio Internacional da ABHR**, UFSC, 2016b.
- OLSEN, Olaf. Royal Power in Viking Age Denmark. In: **Les mondes normands (VIIIe-XIIe s.)**. Caen: Sociéte d'Archéologie Médiévale, 1989, p. 27-32.
- PASTOUREAU, Michel. Símbolo. In: LE GOFF, Jacques; SCCHMITT, Jean-Claude (org.). **Dicionário temático do Ocidente Medieval**, vol. III. São Paulo: Edusc, 2002, p. 495-510.
- PASTOUREAU, Michel. **Bestiari del Medioevo**. Traduzione di Camilla Testi. Torino: Einaudi, 2012.
- PEDERSEN, Anne. Late Viking and Early Medieval Ornaments: a question of Faith. In: GARIPZANOV, Ildar (ed.). **Conversion and Identity in the Viking Age**. Turnhout: Brepols, 2014, p. 195-222.
- RINGSTAD, Bjørn Ringstad. En underlig steinfigur fra Tornes i Romsda. **Viking: Norsk arkeologisk årbok Bind, LIX**, p. 101-118, 1996.
- ROBB, John E. The Archaeology of Symbols, **Annual Review of Anthropology**, 27, p. 329-346, 1998.
- RAPPENGLÜCK, Michael. Tracing the celestial deer – an ancient motif and its astronomical interpretation across cultures. **Archaeologia Baltica** 10, 2008, pp. 62-65.
- RODRIGUES, Eric Cyon. Os reis e a moeda na França Carolíngia (VIII-IX). In: FONSECA, José Francisco; SANCHEZ, Marina Duarte; SILVA, Isabela Alves (Orgs.). **III Jornada de Estudos Medievais: Idade Média e História Global**. São Paulo: Pensante, 2021, p. 273-292.
- SAWYER, Birgit. **The Viking-age rune-stones: custom and commemoration in early medieval Scandinavia**. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- SCHJØDT, Jens Peter, et al (eds.). **The Pre-Christian Religions of the North: History and Structures**, vol. I. Turnhout: Brepols, 2020.
- SCHJØDT, Jens Peter. Pre-Christian Religions of the North and the Need for Comparativism. In: **Old Norse Mythology: Comparative Perspectives**, ed. by Jens Peter Schjødt; Herman Pernille & Stephan Mitchell. Cambridge: Harvard University Press, 2017, p. 3-27.
- SCHJØDT, Jens Peter. Reflections on aims and methods in the study of Old Norse Religion. In: **More than mythology**. Lund: Nordic Academic Press, 2012, p. 263-287.
- SCHJØDT, Jens Peter. **Initiation between two worlds: structure and symbolism in pre-Christian Scandinavian religion**. Odense: The University Press of Southern Denmark, 2008.
- SINDBÆK, Søren. The lands of Denemearce: cultural differences and social networks of the Viking Age in south Scandinavia. **Viking and Medieval Scandinavia** 4, p. 169-208, 2008.
- SØGAARD, Rune (Dir.). **Gåden om Danmarks første konge** (Sæson 1, episoder 5: *De mystiske sagn*), DR TV, documentar, 03/11/2021, København, disponível em: https://www.dr.dk/drtv/se/gaaden-om-danmarks-foerste-konge_-de-mystiske-sagn_280403 Acesso em 04 de novembro de 2021.
- SØVSVØ, Morten. Emporia, sceattas and kinship in 8th C. "Denmark". In: HANSEN, Jesper (Ed.). **The fortified Viking Age**. Odense City Museums, 2017, p. 75-86.
- SUNDQVIST, Olof. **An Arena for Higher Powers**. Ceremonial buildings and religious strategies for rulership in Late Iron Age Scandinavia. Leiden: Brill, 2016.





- TOOLEY, Clive. **Shamanism in Norse myth and magic**. Helsinki: Academia Scientiarum Fennica, 2009.
- TRÆTTEBERG, H.; MOLTKE, E.; LINDEBERG, I. Triquetra. **Kulturhistorisk leksikon for nordisk middelalder fra vikingtid til reformasjonstid**, 18, p. 634-635, 1974.
- VARENIUS, Björn. The Hedeby Coins. **Current Swedish Archaeology**, v. 2, p. 185-193, 1994.
- WANG, Lan. **Freyja and Freyr: successors of the Sun**. On the absence of the sun in Nordic saga literature. Dissertação de Mestrado, Universidade de Oslo, 2017.
- WESTCOAT, Eirik. The Valknut: Heart of the Slain?, **Odvoerir** 111, p. 1-23, 2015.
- WILD, Leon. Óláfr's raven coin: Old Norse myth in circulation? **Journal of the Australian Early Medieval Association** 4, p. 201-211, 2008.
- WOOD, Rita. The pictures on the greater Jelling stone. **Danish Journal of Archaeology**, 2014 Vol. 3, No. 1, p. 19-32.
- ZANIRATO, Andreli de Almeida. **Religião e magia na Gesta Danorum de Saxo Grammaticus, séculos XII e XIII**. Dissertação de Mestrado em História, UFRGS, 2019.
- ZIMEK, Rudolf. **Dictionary of Northern Mythology**. London: D.S. Brewer, 2007.
- ZOËGA, G. T. **A Concise Dictionary of Old Icelandic**. Oxford: The Clarendon Press, 1910.

